

PRISIONEIRO DO SILÊNCIO: Livro Reportagem sobre a Comunicação Relegada*

Célia Mota[†]
Universidade de Cuiabá – UNIC

Índice

Introdução	3
1 Gênero Informativo	7
1.1 Relação Sentimental entre Leitor e Texto	9
2 Reportagem e Jornalismo Literário: primo-irmãos	10
2.1 Livro Reportagem é Informação com Arte	14
3 Dar Voz a Quem Não Ouve	19
4 A Comunicação Além da Oralidade	22
5 O Que é Ser Surdo?	26
5.1 Para Entender o Processo	26
5.2 Deficiência Auditiva tem Cura?	32
5.2.1 Implante Coclear	33
6 O Surdo Pelo Surdo	35
6.1 Essa Língua tem História	40
6.1.1 Que libras é essa?	43
6.1.2 Ler lábios é ver vozes	46

*Revisão bibliográfica de monografia, orientada pela prof.^a Ms. Juliana Velasco e o prof. Esp. Sérgio Maiolini, apresentada na disciplina TCC1 para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

[†]Estudante do 7º semestre da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Cuiabá – Unic.

6.1.3 Como é que se diz?	47
6.2 Ser Bilingue é...	51
6.2.1 As raízes do bilinguismo	52
6.3 Cotas: uma Ponte Entre dois Mundos	54
7 Materiais e Métodos	59
Considerações Finais	59
Referências	61

Resumo

A construção da notícia é a mesma utilizada para produzir um livro-reportagem: pauta, extensa pesquisa, entrevistas e documentação abundante a fim de mostrar ao leitor uma narrativa envolvente e idônea. Nesse sentido, esta monografia que teve orientação da prof. Ms. Juliana Velasco e do prof. Esp. Sérgio Maiolini, discute todas essas fases necessárias para construir um livro-reportagem sobre surdos, denominado “Prisioneiros do Silêncio”. Na etapa de revisão de literatura, foi necessário abordar duas temáticas centrais, linguagem do jornalismo literário e Língua Brasileira de Sinais (Libras). A primeira, por permitir maior liberdade na escolha do tema, tempo, espaço e da narrativa (formal ou coloquial). Já a segunda, por elucidar o universo dos atores desta pesquisa exploratória. Ao todo, foram eleitos três personagens dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso para compor a obra. A coleta de dados vai ser finalizada no segundo semestre de 2011. O livro-reportagem que se discute aqui é do subgênero retrato e será analisado com técnicas qualitativas e quantitativas. Este estudo espera contribuir com discussões em torno das produções especializadas no âmbito das escolas de Comunicação. Ressalta ainda a comunicação entre falantes (ouvinte e surdo) e as dificuldades ou ruídos de um diálogo entre emissor e receptor na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Reportagem. Livro-reportagem. Surdez. Libras. Oralidade.

Introdução

REFLEXÃO e valor documental são características fundamentais de uma reportagem. Esse gênero jornalístico tem a função de transmitir determinada informação de maneira prática e precisa sobre fatos, amparados pelos tripés da apuração, pesquisa, entrevista, checagem e re-checagem. Espera-se que a mensagem transmitida seja de alta fidelidade e que represente de forma inquestionável as ideias, aspirações e dúvidas apresentadas no texto ou discurso. Caso contrário, pode haver distorções e erros de interpretação que comprometam o objetivo da mensagem, provocando o que os comunicadores costumam chamar de ruído¹.

Não há como falar desse conceito sem que se fale em fidelidade. São sentidos opostos, mas dependentes. Eliminar imprecisões ou incoerências resulta em aumentar a fidelidade; assim como a produção de ruído restringe a fidelidade. Berlo (2003, p. 41) diz que parte da literatura de comunicação fala em ruído, parte em fidelidade. Seja qual for o rótulo, o problema será o mesmo. Por isso, é preciso cuidado ao transmitir uma notícia. Na ânsia de dar “o furo”, vários repórteres respeitados cometem erros, às vezes, irreversíveis.

Para que o jornalista não se envolva em situações desagradáveis, existe uma regra fundamental: apurar os fatos, ouvir várias versões da mesma pergunta e comparar respostas. Assim, a reportagem deve adotar um ponto de vista distanciado e global, além de propor questionamento sobre o fenômeno tratado. Ainda que difícil, pois é uma regra questionada por vários pesquisadores, exige-se do repórter: a imparcialidade.

Todo processo de construção da notícia se repete na produção do livro-reportagem desde a pauta até documentação sobre o assunto. É sobre esse aspecto que este estudo aponta os diversos subgêneros e as dificuldades de construir um livro-reportagem. Espera-se aprofundar o debate sobre o conteúdo e linguagem do texto literário que por sua vez é tão jornalístico, já que cumpre a função de informar, explicar e orientar. Mas, por outro lado, a prática do jornalismo literário permite maior

¹É a falha na transmissão da mensagem, provocada por ideias confusas, escrita incorreta ou mesmo erros técnicos (som e imagem), no caso dos veículos de comunicação.

liberdade na escolha do tema, tempo, espaço e da narrativa (formal ou coloquial).

O livro-reportagem “Prisioneiros do Silêncio”² mostra uma reflexão sobre a comunicação não verbal e a dificuldade em se comunicar não sendo sujeito praticante da linguagem oral e ouvinte. Por meio das histórias de vida e do olhar de três personagens distintos – uma mãe de surdo de Minas Gerais; o presidente do Centro de Surdos da Bahia (Cesba), também surdo; e um professor/intérprete de libras de Cuiabá – espera-se construir um retrato que possa delinear o panorama da comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também são mostrados preconceitos e violências que ouvintes impõem aos surdos a fim de forçar os mesmos a apreensão da língua falada. Além das dificuldades enfrentadas por eles no âmbito familiar e social.

Inicialmente a monografia foi dividida em quatro partes e a ordem dos tópicos procura seguir a mesma dialética de construção do livro-reportagem: conceito de reportagem; jornalismo literário; algumas definições do subgênero livro-reportagem; e detalhes sobre o esboço do livro-reportagem “Prisioneiros do Silêncio”, produto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-2) a ser apresentado no final de 2011, na Universidade de Cuiabá (Unic).

Esta pesquisa analisa como se dá a comunicação entre surdos. Com isso é possível identificar as várias formas de comunicação não verbal; a utilização da Língua dos Sinais (Libras) e sua eficácia; a aceitação dessa língua pela sociedade; e as relações sociais dos surdos com outros surdos e surdos com ouvintes. A Língua de Sinais (Libras) possui gramática própria e é utilizada pelos surdos como língua oficial. Além de ser reconhecida e oficializada pelo governo federal como língua materna, é regulamentada pelo Decreto n. 5.626, de 22/12/2005 através da Lei nº 10.436, de 24/4/2002. No entanto não é acolhida pela sociedade, que a desconhece e ignora. Isso obriga os surdos a usarem outros paliativos (como leitura labial, por exemplo) para estabelecer uma comunicação sem qualquer reciprocidade por parte dos ouvintes. Tal ato resulta em ruídos e ineficácia na emissão e recepção das mensagens.

²Produto final do projeto que está em desenvolvimento para compor a segunda etapa do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo (2011/2) exigido pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Cuiabá (Unic).

Assim, fica evidente a barreira comunicacional imposta aos surdos pela comunidade ouvinte.

Mostrar o quanto a Libras é importante para a comunicação no Brasil, localizar os entraves que impedem os surdos de terem uma comunicação eficiente e analisar as causas é o objetivo geral dessa pesquisa. Mais especificamente pretende-se investigar as origens dos ruídos na comunicação entre surdos e ouvintes; ponderar as formas utilizadas pelos surdos para enviar, receber e disseminar mensagens; observar se a Libras é entendida, utilizada e apreendida pelos ouvintes mais próximos aos surdos; e constatar se há rejeição da Língua de Sinais pela sociedade.

Para melhor compreensão do leitor, o trabalho foi dividido em tópicos: primeiro, um esclarecimento acerca do que seja reportagem para, em um segundo momento, explanar sobre Jornalismo literário. Por fim, são apresentados detalhes sobre o esboço do projeto livro-reportagem acerca da comunicação entre surdos. Na captura de boa qualidade literária foram selecionadas as histórias de vida de três personagens para servirem de fio condutor das informações e teorias expostas no livro. São eles: Iolanda Xavier, 66, dona de casa do interior de Minas Gerais, mãe de um casal de filhos surdos, Marli, 42, e Marcos, 32, sendo que o rapaz possui doença mental (Disritmia). Everaldo Pereira dos Santos, 51, que nasceu surdo, é vice-presidente do Centro de Surdos da Bahia (Cesba), é casado com uma deficiente auditiva com quem teve um filho ouvinte que está com 15 anos. O terceiro personagem será mato-grossense, professor de Libras, profissional que trabalha com a deficiência auditiva. Assim poderá esclarecer de forma mais imparcial, algumas dúvidas sobre convivência entre surdos e ouvintes, relação em sociedade, se existe espaço no mercado de trabalho para os surdos e como são tratados no mercado de consumo. Assim, fecha-se um círculo que desenha o retrato da comunicação entre surdos a partir de três olhares distintos. Inicialmente foi realizada pesquisa de campo para entrevistar os personagens e colher documentos e fotografias. Até a última apresentação, em janeiro de 2012, deverão ser concluídas todas as histórias e documentação referente a esse livro-reportagem.

Para explicar algumas situações vividas pelos personagens, que são comuns a vários outros membros do grupo, e servir de embasamento teórico deste trabalho serão utilizadas teorias de pesquisadores reno-

mados nesta área de estudo. Alguns deles são: Flora Davis (1979); Alex Curione (2004); Santana e Bérghamo (2005); Mailce Mota (2008); Grolla (2009); Muller de Quadros (2009); e Perlin (2008). Eles traçam um perfil da identidade surda, mostrando as expectativas e anseios desse público. Na última etapa será realizado um segundo trabalho de campo. Nova bateria de entrevistas com os personagens será necessária. Além de mais documentação comprobatória (fotos, vídeos e outros), apuração, atualização dos fatos e localização do personagem que ainda falta. Essas tarefas demandam a realização de viagens para Salvador, onde mora Everaldo Santos e Minas Gerais, casa de Iolanda Fonseca; dedicação, curiosidade e técnica na coleta de dados; cuidados redobrados aos detalhes, além de compromisso com as fontes, respeito ao leitor e pontualidade no *deadline*³.

Tal análise justifica-se pelo fato de que uma parcela considerável da sociedade brasileira, (14,5% de acordo com o censo de 2000) é de deficientes, entre eles, mais de cinco milhões são surdos. Mas esse caso é desconhecido por quem não tem nenhuma relação familiar ou amizade com algum deficiente auditivo. Vivemos na cultura do egoísmo, ou seja: se não possuímos carência alguma e nem temos parentes ou amigos que necessitem de atenção especial, sequer lembramos que a deficiência é uma realidade próxima.

Por meio dessa revisão de literatura foi possível chegar a alguns resultados e talvez o mais inquietante seja relativo aos entraves comunicacionais e o convencionalismo que ronda a comunidade surda e a comunicação através da Libras. Os surdos têm lutado contra os estigmas da patologia, da mudez alegórica – que vem junto com a surdez através da denominação “surdo-mudo” – imposta pela falta de informação e da discriminação. Não são respeitados e tratados como pessoas normais. Há um (pré) conceito na sociedade de que o deficiente seja improdutivo, incapaz e humanamente inferior. Porém, os surdos lutam contra os equívocos causados por essa marca que acompanha a surdez desde sua origem.

Essa luta não conta com o apoio da sociedade, da mídia ou sequer de uma língua abrangente, compreendida e utilizada pela maioria. Não é assunto discutido e questionado nas rodas de bate-papo nem ilustrado nas tramas de novelas ou seriados, pois os surdos são considerados

³Prazo final para a entrega do trabalho.

menos importantes, menos polêmicos. Mas isso não os desmotiva ou desencoraja. Eles não desistem, porque o esforço não é somente para extinguir preconceitos, rótulos e arcaísmos e sim um retrato construído pelo imaginário coletivo há séculos. É preciso mais do que tolerância e aceitação. Os surdos necessitam ser entendidos e compreendidos na sua própria língua primária, a Libras. Por isso, numa época em que se fala tanto em liberdade de expressão no jornalismo e de defesa das minorias, nada mais justificável do que um livro-reportagem que dê voz a quem não possui os mesmos direitos nem liberdades quando o assunto é comunicação e expressão.

Muitas vezes o entrave à aprendizagem e disseminação da Língua dos sinais começa em casa e é imposto pelos pais e fonoaudiólogos. Eles acreditam que permitir a comunicação por meio dos gestos irá prejudicar a oralidade do deficiente auditivo. No entanto, essa atitude acarreta em atraso e frustração para quem está à sua mercê. O pedagogo Aléx Curione (2004) pede que se faça uma reflexão sobre esse assunto: “Será que uma criança Surda, que nasce numa família de pais ouvintes, terá condições de se desenvolver plenamente adquirindo uma língua de modalidade oral-auditiva?” E ele mesmo esclarece que isso não é possível. Pois essa criança não terá as mesmas condições e apresentará falhas nessa aquisição. Entre as piores consequências que isso acarreta estão os problemas no desenvolvimento da aprendizagem (atraso cognitivo). A pessoa que não é exposta adequadamente a uma língua natural acaba prejudicada na construção do conhecimento e da própria identidade.

1 Gênero Informativo

Num primeiro momento, os textos foram classificados em: explicativos, opinativos, entretenimento e informativos. Hoje são divididos em textos narrativos, descritivos e argumentativos. Na classificação jornalística, a reportagem é rotulada como gênero informativo e, quase sempre, segue as regras que enquadram esse modelo.

Adair Bonini (2006, p. 66) define que “a reportagem [...] pode se parecer com uma notícia, com um perfil ou com uma entrevista.” No entanto, vários estudiosos trazem a entrevista junto com apuração e pesquisa, como elementos fundamentais para uma boa reportagem.

Isso levaria crer, segundo Campos, em matéria exibida em 2002 no site observatório, que “grandes entrevistadores desenvolvem técnicas que transformam o jogo de perguntas e respostas numa espécie de xadrez, conseguindo arrancar informações que o entrevistado não pretendia dar.”

Vale lembrar-se de detalhes que garantem o sucesso da entrevista, por exemplo, atenção especial ao anotar números e nomes, se achar necessário, fazer uso da gravação, sempre atento às reações e preferências do entrevistado. Alexandre Garcia, citado por Campos, 2002, *site* “Observatório”, diz que o repórter dedicado estuda o perfil psicológico do entrevistado a fim de saber qual atitude adotar diante dele para não se arriscar a irritá-lo, colocando em perigo o êxito da entrevista. Algo de fundamental importância para definir o sucesso ou o fracasso da reportagem.

Mas, afinal, o que é reportagem? Resumidamente, é o relato de um acontecimento importante feito por um profissional que tenha apurado os fatos relativos a ele. É o produto fundamental da atividade jornalística, o aprofundamento da notícia descrito com uma pitada de literatura, para dar ao leitor um gostinho especial ao folhear as páginas do jornal impresso ou revista saboreando os detalhes da estória, ou história. A reportagem não deve ser confundida com a notícia, pois existem mais diferenças do que semelhanças entre ambas. Magno (2006) esclarece:

Notícia mora na superfície. Reportagem é mergulho. Notícia é seca, reportagem está impregnada com a umidade de perfumes e suores. Notícia é o olhar do repórter sobre o fato. Reportagem tem que explicar o fato, ir além dele. Notícia é urgente, rápida. Reportagem carece de tempo para apurá-la. Notícia não precisa de fotos. Reportagem casa com fotojornalismo. Notícia vem da fonte, pode ser captada através do telefone, da internet, da entrevista. A fonte preferencial da reportagem são os olhos e os ouvidos do repórter. Notícia significa conhecimento. Reportagem é um jeito de conhecer. (MAGNO, 2006, p. 20).

Pode-se dizer que a reportagem é uma extensão da notícia, mas com direito a caprichar em alguns detalhes que, para o factual informativo,

seriam irrelevantes. No entanto, é justamente essa minúcia do jornalismo literário que atrai o leitor.

1.1 Relação Sentimental entre Leitor e Texto

O texto de essência, informativo ou opinativo, trabalha com a motivação. Convida o leitor ao raciocínio, a desdobrar um ponto de vista ou, simplesmente, apresenta relatos profundos. E ele corresponde a todos esses estímulos no momento em que se encanta pelo desenrolar da trama ou pelos resultados de uma pesquisa. Esse indivíduo ri, chora, se enfurece, sente envergonha, fica assustado ou emocionado durante a boa viagem literária. É impossível interromper a leitura quando o texto amarra atenção de quem o lê. No entanto, para obter essa qualidade de narrativa, conhecer o objeto a ser exposto no texto é algo imprescindível. Berlo (2003) defende que se mostre conhecimento do assunto, mas sem comprometer a estética textual.

Ninguém é capaz de comunicar aquilo que não sabe; ninguém comunica com a máxima efetividade material que não conhece. De outro lado, se a fonte sabe “demais”, se é ultraspecializada, poderá errar pelo fato de suas habilidades comunicadoras serem empregadas de forma tão técnica que o receptor acabe não entendendo. (BERLO, 2003, p. 49).

Tal observação é complementada por Bucci no artigo⁴ que escreveu para a *Folha de São Paulo* em 2001, quando alerta para a importância de se obter informações consistentes para produção textual agradável. Um texto que possa prender o leitor cada vez mais exigente e menos passivo.

De fato, reportagem bem feita mobiliza o receptor da mensagem. Orwell (2003, p. 143-150) faz isso com muita maestria em matéria-denúncia sobre a pobreza do norte industrial da Inglaterra. Para tanto, escolheu como cenário o cotidiano de uma pensão, em péssimo estado de conservação e higiene, administrada pelos Brookers, uma família

⁴O artigo “O Tolo Interativo” (2001) escrito para o jornal *Folha de São Paulo*, também foi divulgado no site Observatório da imprensa, no mesmo ano.

de hábitos estranhamente curiosos que vivia de alugar camas para os operários, aposentados, forasteiros e desempregados ingleses.

Os únicos hóspedes permanentes eram o mineiro escocês, o senhor Reily, dois velhos aposentados e um desempregado que vivia do seguro desemprego chamado Joe – o tipo de pessoa que não tem sobrenome. O mineiro escocês era um chato quando a gente o conhecia. Como tantos desempregados, passava grande parte do tempo lendo jornais, e se a gente não lhe desse atenção ele discursava durante horas sobre coisas como o Perigo amarelo, assassinos de mala, astrologia e conflito entre religião e ciência. Os velhos aposentados tinham sido, como de costume, expulsos de suas casas pelo Means Test. Entregavam seus 10 xelins semanais aos Brookers e em troca tinham o tipo de acomodação que se consegue por 10 xelins; quer dizer, uma cama no sótão e refeição, em geral, de pão com manteiga. (ORWELL apud LEWIS, 2003, p. 146).

O assunto não é atual e nem seria interessante se não fosse pela riqueza de detalhes, o aspecto investigativo e o valor quase documental da matéria. Ele consegue ligar um parágrafo ao outro de forma que a narrativa termina sem que o leitor perceba. Esse talvez seja o segredo, costurar bem os parágrafos.

Em oposição do exemplo de Orwel (2003, p.143-150) não é raro textos tão pobremente representados – com frases confusas, ausência de detalhes ou alegações infundadas e até mesmo técnicas demais.

2 Reportagem e Jornalismo Literário: primo-irmãos

Existem semelhanças entre reportagem e texto literário. Ambos caminham juntos, na mesma direção, tanto que se confundem. O jornalismo literário não consiste somente em liberdade autoral, tempo para pesquisa ou colocar as aspirações literárias na construção de um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo, assim, define Pena (2005).

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar

visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2005, p. 7).

É preciso alertar que não se abandona o aprendizado, ou as técnicas estudadas no jornalismo tradicional, pelo contrário, muitas delas podem auxiliar nas apurações, entrevistas, fotografias e, principalmente a ética. Algumas características como periodicidade e atualidade é que diferem as duas abordagens.

Quando Pena (2005, p. 9) fala em desenvolver a cidadania, explica que o repórter pode fazer isso escolhendo temas que sejam relevantes para a sociedade. Antes de tudo, é preciso pensar em “como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade.”

De acordo com Pena (2005, p. 12), os conceitos e classificações do jornalismo literário no Brasil são variáveis. Para alguns, o gênero é definido pelo período da história, no século XIX, em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins. Outros assimilam o gênero somente à crítica de obras literárias difundida em jornais, revistas etc. E existem aqueles que identificam o conceito com o movimento conhecido como *new journalism*⁵, que começou nas redações americanas por volta de 1960.

Biografia, romance-reportagem e a ficção jornalística são subgêneros do jornalismo literário. Apesar de ser bastante apreciado pelos leitores e jornalistas, o livro reportagem só conquistou espaço no mercado brasileiro após a queda da ditadura, no fim dos anos de 1980, quando houve abertura política e instabilidade econômica. Assim, Belo (2006) contextualiza:

⁵Foi um movimento, manifestação ou tendência do jornalismo literário. Surgiu nos Estados Unidos e visava revigorar a prática de um jornalismo de profundidade, como ocorreu nos anos 1960-70. É época também em que surgiram grandes nomes como Truman Capote, Orwell e outros. Bruno Pessa (2010) afirma que o novo jornalismo contribuiu imensamente para o “aprimoramento da reportagem e do olhar jornalístico sobre a realidade.”

A redemocratização do país possibilitou a publicação de algumas obras que desvendaram os últimos anos do período militar e os primeiros da volta ao poder civil [...]. Livros com esse perfil, tratando dos bastidores da polícia e das dificuldades da economia daquela época, fizeram imediato sucesso. Não só os temas, mas a maneira de explorá-los tinha um sabor de novidade. (BELO, 2006, p.53).

Aproveitar a credibilidade para produção de grandes reportagens, com material envolvente e bem amarrado, seria uma iniciativa inteligente e providencial dos veículos impressos. Esse é um assunto que vem sendo abordado por outros pesquisadores engajados na defesa da mudança de perfil dos veículos de comunicação, principalmente os impressos, em prol da qualidade textual e interesse do público.

O surgimento da *internet* trouxe ao espectador a possibilidade de obter informação de forma rápida e objetiva por meio de textos curtos e atualizados de hora em hora. Mas, isto não é o bastante, existem lacunas a serem preenchidas. Após se informar através da *internet*, ou TV e até mesmo rádio, o leitor fica sempre com aquele gostinho de “quero mais” e esse “a mais” pode ser oferecido pelos jornais, revistas e livros-reportagens.

De acordo com Gramacho (2009), a história dos meios de comunicação mostra que um veículo não some do mercado em função do surgimento de outro. Mas o autor aponta que é necessário fazer uma reestruturação, especialmente no jornal impresso:

Para garantir a permanência do jornal, necessário se faz, além de promover a mudança na linguagem, de modo a se respeitar as adequações linguísticas necessárias aos meios jornalísticos, a exemplo do uso da variante “cultura” da língua quando necessário, aumentar a qualidade do conteúdo do noticiário. É preciso entender que o leitor de jornal tem o perfil intelectual e econômico diferente daquele que consome exclusivamente a informação televisiva. Assim, é aquele que dispõe de internet banda larga, assinaturas de revista, inclusive especializada, TV a cabo (...). Destarte, o que ele busca no jornal não é mais a notícia, mas a expli-

cação desta, a sua expansão, repercussão etc. (GRAMACHO, 2009, p. 12- 13).

Belo (2009, p. 15) alega que “jornais e, em menor grau, revistas, ainda não encontraram um caminho adequado para sobreviver na era da informação eletrônica, massificada e quase imediata.” Ele alerta para o fato de que tais veículos têm deixado de lado um dos seus maiores diferenciais em relação às mídias eletrônicas: a reportagem.

A concepção do jornal enxuto está banindo as reportagens das redações e as consequências são visíveis nos números das vendas nas bancas e no fechamento de vários jornais de renome e tradição nos Estados Unidos. Gramacho (2009) confirma a diminuição das tiragens:

Há já algum tempo que jornais da França, Inglaterra e Estados Unidos reclamam do aumento de seus encalhes nas bancas e a perda de assinantes. No Brasil não é diferente. A Folha de São Paulo, o título de maior circulação nacional, experimentou de 2001 a 2005, uma retração de cem mil exemplares na sua tiragem diária, que caiu de 400 mil para pouco mais de 300 mil. (GRAMACHO, p. 24, 2009).

Uma das soluções encontradas pelos veículos para contornar tal crise foi construir *sites* especializados e fazer uma versão *online* dos jornais e revistas. No Brasil essas parcerias se mostram promissoras, a exemplo da *Folha.com*, *Veja.com* entre outras. A evolução tecnológica permite ainda que o leitor experimente, durante a visualização *online*, a mesma sensação de estar virando as páginas de uma revista impressa. Isso garante aos mais conservadores, prazeres proporcionados pelas versões tradicionais.

Alguns jornais estão investindo de forma maciça nos conteúdos divulgados nos *sites*. A Folha de São Paulo está digitalizando todo o seu acervo e disponibilizando no *Folha.com*. A memória do jornal está sendo catalogada numa hemeroteca digital em comemoração aos 90 anos de publicações. A princípio esse conteúdo histórico de grandes reportagens estará disponível gratuitamente. Porém, depois do período de “degustação” as pesquisas somente serão liberadas para os assinantes. Assim, a internet passa de concorrente a parceira dos impressos. Administradores dos maiores veículos do país sabem como utilizar as no-

vas formas de comunicação midiática para complementar e fortalecer as já existentes.

2.1 Livro Reportagem é Informação com Arte

Esse gênero tem se mostrado uma alternativa de peso ao jornalismo do *lide* e da pirâmide invertida. O livro-reportagem, por ser demorado e trabalhoso, é daquelas tarefas que se faz por paixão. Pois acima de ser um bom jornalista é preciso talento na arte de contar e escrever boas histórias.

Para Belo, (2009, p.16) o repórter que deseja se aprofundar em determinado assunto e não encontra abertura do jornal ou revista em que trabalha, deve se aventurar a escrever um livro-reportagem, que se mostra como uma boa alternativa para quem sabe escrever de forma atraente e se dispõe a fazer um bom trabalho de pesquisa e apuração.

O jornalismo literário não é algo novo no Brasil, pois já era um traço marcante nas escritas de Machado de Assis⁶ e Euclides da Cunha (2003), que fez da narrativa dos fatos decorrentes na Guerra de Canudos (1893-1897) uma reportagem mais humana, com detalhes de quem se envolvera na história, algo que seria inconcebível dentro das regras do jornalismo clássico. Porém, o resultado foi e é um livro de tamanha importância que se tornou série televisiva e serve como referência de leitura e pesquisa para vários estudiosos e inspiração para diversos outros escritores.

⁶O perfil do autor foi encontrado no site de biografias e textos @releituras, fundado por Arnaldo Nogueira Júnior em 1996.



FIG. 1: Cena do filme brasileiro “Guerra de Canudos” (1997)

Fonte: Site

<http://www.portuguesonline.com/images/canudos.jpg>

Antes de esclarecer dúvidas acerca de como escrever uma obra literária jornalística, é preciso entender melhor o livro, propriamente dito. O dicionário da língua portuguesa (BUENO, 2007, p. 476) define livro como “reunião de folhas impressas ou manuscritas em volume; obra em prosa ou verso com certa extensão”.

De acordo com as normas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) para ser considerada como livro a obra precisa conter, no mínimo, 48 páginas. No caso do livro-reportagem tais páginas devem possuir literatura não ficcional como conteúdo, ou seja, fatos, informação com viés literário.

A função do livro-reportagem não se difere da própria reportagem, entenda-se, informar em profundidade. Porém, o livro-reportagem vai além: apresenta os personagens de forma mais humanizada e conta a história dando detalhes e curiosidades que ultrapassam o jornalismo de informação apenas.

Para Pessa (2009, p. 2) as peculiaridades e utilidades específicas do livro-reportagem se delineiam a partir de uma parceria com veículos

de comunicação periódicos, “cuja natureza cria demandas para que se produzam livros-reportagens”.

Uma das vantagens em relação ao jornalismo convencional é que o livro-reportagem foge do factual, ele é atemporal e serve como registro histórico sobre os fatos divulgados em outros veículos.

Para entender a contemporaneidade, o livro-reportagem avança no tempo histórico, “ressuscitando” o pretérito, que ganha sobrevida e é reatualizado em seus significados. Tais procedimentos aproximam o jornalismo praticado no livro-reportagem da história, o que não acontece de forma acidental, pois o exercício do jornalismo literário estampado no suporte livro está sempre aberto ao diálogo e apropriação de recursos das ciências humanas e sociais. (PESSA, 2009, p.03)

Assim como no jornalismo convencional, para a produção do livro-reportagem é necessário alguns procedimentos como a elaboração da pauta, extensa pesquisa, entrevistas, documentação abundante e edição competente no aspecto de mostrar ao leitor uma narrativa envolvente e idônea. Também é possível classificar o livro-reportagem em subgêneros⁷, são eles:

⁷Informações retiradas do artigo de Bruno Pessa, apresentado no Regiocom que aconteceu em junho de 2009 na Universidade Metodista de São Paulo.

SUBGÊNERO	CARACTERÍSTICAS
Perfil	Confirma detalhes sobre o quotidiano de uma celebridade ou de personagem anônima – que pode ser representante de algum grupo social ou ter feito algo de chocante para a sociedade, ex: maníaco do parque. Este subgênero tem como variante o livro-reportagem-biografia, que enfoca mais o passado da pessoa;
Depoimento	Descreve determinado fato, relevante para a sociedade, com participação ativa de testemunha ou participante.
Retrato	Escolhe um objeto, que pode ser região geográfica, determinado segmento da economia, algum setor da sociedade e até mesmo uma instituição (pública, privada ou terceirizada) para traçar a imagem do elemento em questão através de descrições sobre mecanismos, problemas e complexidades.
Ciência	Análise ou proposta de reflexão sobre a descoberta científica, normalmente são temas específicos.
Ambiente	Defesa da ecologia. Este livro pode ser crítico no que diz respeito às atitudes humanas com relação à natureza.
História	Temas do passado e tem como variantes o livro-reportagem-empresarial, e o livro-reportagem-e-popéia, que narra fatos históricos importantes como revoluções, conflitos e guerras.
Nova consciência	Relato de novas atitudes sociais no que diz respeito ao comportamento, cultura, religião ou economia que podem resultar da aproximação às culturas orientais assim como também da contracultura.
Instantâneo ou da história imediata e Atualidade	O primeiro debruça-se sobre um fato recém-concluído cujos contornos finais já podem ser identificados; o segundo detém um tema mais importante e estável no tempo, cujos desdobramentos finais são desconhecidos. O livro identifica os problemas e esboça convergências possíveis de epílogo.

Antologia	Reunião de diversas reportagens com juízos distintos. As matérias podem ser agrupadas por autor, tema ou por autores diferentes, porém com mesmo gênero ou categoria.
Denúncia	Estilo investigativo procura identificar injustiças, preconceitos e escândalos.
Ensaio	Evidente presença do autor e sua opinião sobre o tema. Tem característica persuasiva e geralmente usa a narrativa em primeira pessoa.
Viagem ou “Diário de bordo”	Impressões do autor sobre sua viagem a determinada região geográfica em vários aspectos de caráter sociológico, humano, cultural, e histórico do local. Baseado em muita pesquisa, informação e análise de conflitos.

Quadro 1: Classificação do livro-reportagem em subgêneros

Fonte: Pessa (2009)

A literatura aliada à reportagem resulta no que se chama de competência narrativa, ou, em outras palavras: livro-reportagem. Belo (2006, p. 58) afirma que “a reportagem em livro não sobrevive somente das falhas de cobertura e da suposta miopia dos periódicos para com determinados assuntos. Bebe também das suas virtudes” e para que o desdobramento seja positivo, conta com a competência e curiosidade do jornalista.

3 Dar Voz a Quem Não Ouve



FIG. 2: As mãos comunicam

Fonte: site http://i558.photobucket.com/albums/ss29/annallia/blog/maos_falam.jpg

Superar as barreiras do silêncio e escrever um livro – reportagem sobre o universo dos surdos sem cair no senso comum é o desafio proposto pelo objeto de pesquisa – Livro-reportagem sobre a comunicação relegada – em construção na Universidade de Cuiabá (Unic) a ser apresentado em 2011/2 para obtenção do título de bacharel em Jornalismo. Vários dos procedimentos inerentes ao jornalismo foram necessários para dar os primeiros passos rumo à concretização desse sonho. Entre eles entrevista, pesquisa e apuração. Provavelmente outras técnicas serão utilizadas no decorrer das investigações, isso é importante para dar a credibilidade e a objetividade necessárias a um livro de não ficção. Porém, o mais importante nesse caso é expor este universo tão desconhecido pela maioria dos sujeitos ouvintes e falantes: a surdez.

Na captura de boa qualidade literária foram selecionadas as histórias de vida de três personagens para servirem de fio condutor das informações e teorias expostas no livro. São eles: Iolanda Xavier, 66, dona de casa do interior de Minas Gerais, mãe de um casal de filhos surdos, Marli, 42, e Marcos, 32, sendo que o rapaz possui doença mental (Disritmia). O que é novidade nesse campo, pois raramente se vê uma história sobre a surdez contada pela perspectiva de uma mãe. Iolanda

mostra o quanto de amor e tolerância é necessário no combate aos preconceitos. As barreiras comunicacionais e a incompreensão podem afetar também, e até mais, os ouvintes que tem filhos, irmãos ou outros parentes surdos. Em alguns momentos Iolanda agradece pelo fato de o filho não ouvir certas agressões verbais e palavras de intolerância que ela escuta e absorve no lugar dele. À medida que esta história foi se remontando delinearam-se várias situações de preconceito, perda e barreiras comunicacionais.

Essa mãe luta há mais de 40 anos para entender os filhos e para que eles sejam entendidos pelos outros. Na época em que os criou não se falava em preconceito ou discriminação, como hoje, por isso foi ainda mais difícil conviver com a intolerância e os olhares curiosos dos ouvintes.

Às vezes, a incompreensão vem da própria família. O segundo personagem, Everaldo Pereira dos Santos, que nasceu surdo, sabe bem o que é isso. Desde criança, enfrenta dificuldades comunicacionais em casa, já que seus pais não entendem a língua dos sinais e sempre se mostraram contra a comunicação feita por mímicas e gestos. Por meio de muita persistência ele superou essas barreiras, mas enfrenta outras tantas à frente de uma instituição para surdos.

Atualmente, Everaldo Santos, 51, é vice-presidente do Centro de Surdos da Bahia (Cesba) e é casado com uma deficiente auditiva com quem teve um filho ouvinte – o que é natural com casais de surdos –, que está com 15 anos. Através da história de Everaldo é possível vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos surdos desde a infância até a maturidade.

Em uma dessas passagens Everaldo lembra com tristeza de como foi seu primeiro contato oficial com as palavras. Mas antes é preciso esclarecer um grande equívoco em relação à surdez. A maioria das pessoas pensa que ser surdo acarreta em ser mudo, engano que resulta da falta de informação. O fato é que a surdez nada tem haver com as cordas vocais que, aliás, funcionam perfeitamente. A grande dificuldade, nesse caso, é a falta de intimidade entre o surdo e a sonoridade das palavras, o que acaba por impedi-lo de pronunciá-las de forma clara. Por isso, às vezes, os sons proferidos por eles saem disformes e de difícil compreensão.

Everaldo afirma que antigamente as crianças eram obrigadas a falar

sem o auxílio dos gestos e seu fonoaudiólogo chegava a usar um objeto chamado palmatória⁸ para dar palmadas em suas mãos e inibi-lo de usá-las durante a conversação. Isso ainda assombra suas lembranças até hoje.

Curione (2004) aponta que é possível encontrar atitudes semelhantes no cenário atual da educação para surdos no Brasil, ainda é imposta a oralidade aos surdos. Por isso defende a Língua de Sinais – Libras – como primeira língua dos surdos e aponta:

Os ouvintes têm bloqueado a aquisição da Língua de Sinais pelos Surdos, não permitindo que estes aprendam essa língua quando crianças e também não favorecendo um ambiente adequado para essa aquisição natural da Língua de Sinais. Ouvintes não têm bloqueio na sua aquisição de Língua, pois têm garantia para desenvolvê-la. (CURIONE, 2004, p. 04).

O terceiro personagem será mato-grossense, professor de Libras ou profissional que trabalhe com a deficiência auditiva. Assim poderá esclarecer de forma mais imparcial, algumas dúvidas sobre convivência entre surdos e ouvintes, relação em sociedade, se existe espaço no mercado de trabalho para os surdos e como são tratados no mercado de consumo. Dessa forma fecha-se um círculo que desenha o retrato da comunicação entre surdos a partir de três olhares distintos.

Para explicar algumas situações vividas pelos personagens, que são comuns a vários outros membros do grupo, serão utilizados trabalhos de vários pesquisadores interessados neste tema, por isso não foi possível listá-los todos neste espaço. Porém, fez-se uma seleção dos mais citados para representar o conjunto. São eles: Flora Davis (1979) no livro *Comunicação não Verbal* mostra que é possível se comunicar através de outros sentidos como tato, olfato, e por meio das posturas do corpo, as expressões faciais, as mãos etc. Essa infinidade de formas comunicacionais permite observar que há uma superestimação na importância das palavras. O pedagogo Alex Curione (2004) escreve sobre a importância em se permitir que o surdo aprenda a Libras como primeira

⁸Basicamente é uma tábua em formato redondo ou retangular, com cinco furos e cabo. Também chamado de ferrolho, o instrumento era muito utilizado antigamente nas escolas como punição física aos alunos desobedientes.

língua. Outros pesquisadores como Ana Paula Santana e Alexandre Bérnago (2005); Mailce Mota (2008); Grolla (2009); Pízzio, Rezende e Muller de Quadros (2009); e Perlin (2008) traçam um perfil da identidade surda, mostrando as expectativas e anseios desse público.

4 A Comunicação Além da Oralidade



FIG. 3: Representação dos gestos como formas de comunicação não verbal.

Fonte: site

http://1.bp.blogspot.com/_R8Gueqnki0o/S6FdnSckbII/AAAAAAAAAHo/7hgKO95k4Hk/s320/mudo,cego,surdo.jpg

Acredita-se que as crianças são capazes de se comunicar antes mesmo de vir ao mundo. Alguns especialistas creem que o bebê estabelece ligação com a mãe ainda no útero, na qual ela é capaz de perceber as variações de humor ou desconforto do filho. Ao nascerem, essas crianças são capazes de reconhecer os pais, principalmente a mãe, pela voz e o cheiro. Nas primeiras semanas eles se comunicam através dos gestos, expressões faciais, gemidos e choro. Davis (1979) denomina esse aspecto interativo de “comunicação não verbal”. A pesquisadora afirma que esta forma de comunicar vem desde os primórdios, antes do surgimento da oralidade, quando a comunicação não verbal era o único meio de que o homem dispunha. Ela garante ser possível enviar mensagens ao outro sem pronunciar nenhuma palavra, usando apenas

expressões faciais, e esclarece ainda que algumas delas são universais e inconfundíveis.

Mais de mil expressões faciais são possíveis do ponto de vista anatômico e os músculos do rosto são tão versáteis que, teoricamente, todas elas podem ser demonstradas em apenas duas horas. [...] A prova mais citada por aqueles que acreditam nessas expressões universais é o estudo realizado acerca de crianças cegas de nascença. Descobriu-se, por exemplo, que todos os bebês externam um sorriso social por volta das cinco semanas, até mesmo os cegos, isto é, aqueles que não podem imitar quem os rodeia. As crianças cegas riem, choram, fazem beicinho e adotam as expressões típicas de raiva, medo e tristeza. (DAVIS, 1979, pp. 59-61)

No entanto, essa é apenas uma entre as diversas áreas da linguística que busca ilustrar a capacidade comunicativa dos seres humanos. Várias teorias⁹ tentam explicar o fenômeno da aquisição da linguagem pelas crianças. Porém, os testes mostram que são poucas as que apresentam consistência e relevância. O quadro abaixo apresenta algumas delas, explicando suas características e validade científica:

⁹As teorias e conceitos são expostos por Elaine Grolla (2009) no artigo “Aquisição da Linguagem”.

TEORIA	ASPECTO	VALIDADE
Tentativa e erro	A criança aprende a língua através de tentativa e erro.	Facilmente derrubado pelo processo de repetição no qual os cientistas observaram que as crianças passavam sempre pelos mesmos estágios e cometiam os mesmos erros.
Imitação dos adultos	Acredita-se que o aprendido acontece porque a criança imita a forma que os adultos falam.	Não tem muita validade, pois as crianças se expressam de maneira distinta e são capazes de produzir estruturas próprias, que nunca ouviram antes. Além do fato que ouvem um número limitado de palavras e frases, mas produzem uma infinidade delas.
Simplificação de linguagem pelo adulto, ou “maternês”.	Acredita-se que os adultos simplificam as frases e usam entonação de voz diferente quando falam com crianças.	Pesquisas provaram que crianças que não têm contato com o “maternês” apresentam desenvolvimento semelhante às que crescem em ambiente onde os adultos usam a linguagem. Isso demonstra que essa não é a forma pela qual aprendem a falar.
Correção dos adultos	Essa teoria propõe que as crianças aprendem a linguagem porque são corrigidas pelos adultos quando falam errado.	Desconsiderado quando se constatou que a forma que os pais corrigem as crianças prioriza o conteúdo do que dizem e não a gramática. Foi também comprovado que as crianças resistem às correções.
Inatista	Baseada nas ideias de Noam Chomsky ¹⁰ que defendem um conhecimento linguístico inato.	Essa teoria seria capaz de explicar a forma como as crianças são capazes de criar uma linguagem própria a partir da língua materna com a qual convivem.

¹⁰Professor no Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos. As ideias sobre a teoria inatista são expostas no livro *Aspects of the Theory of Syntax*, de 1965.

Princípios e Parâmetros	Propõe a existência de um estado inicial, comum a todas as crianças. É a Gramática Universal (GU), constituída por dois tipos de princípios abstratos: os rígidos, que são invariáveis e os abertos, chamados de parâmetros. Os primeiros simulam as propriedades e as operações que estão presentes nas gramáticas de todas as línguas naturais, e os últimos, opções de escolha, cujo valor deve ser fixado para cada língua durante o processo de aquisição a partir da língua que serviu de input ¹¹ para a criança.	A TPP fortalece a Teoria Inativa, pois constitui que uma boa parte da noção gramatical é inata e os princípios não são aprendidos e sim amadurecidos. Os parâmetros também já estão conjecturados, precisando apenas ser fixados a partir da experiência dos pequenos com os elementos linguísticos primários. Nessa teoria (TPP) é comprovado que, juntamente com a GU, há um programa maturacional que determina o que a criança fará em determinados períodos.
-------------------------	---	---

Quadro 2: Aquisição da linguagem pelas crianças

Fonte: Grolla (2009)

De acordo com Grolla (2009, p. 16), a criança só precisa ser exposta a qualquer tipo de língua para aprendê-la. A autora dedica maior atenção a “teoria Inatista” e afirma ser possível que o indivíduo já nasça com vários aspectos das línguas humanas, geneticamente determinados, e não precisa que isso seja ensinado. Ela explica:

O conhecimento linguístico inato com o qual as crianças nascem é chamado de “Dispositivo de Aquisição de Linguagem - DAL”, (em inglês, “*Language Acquisition Device*”, ou LAD). O DAL inclui princípios que são comuns a todas as línguas humanas. Tais princípios são chamados de Gramática Universal (GU). Em outras palavras, a GU é caracterizada como a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie. Uma vez que tais princípios são inatos, eles não têm que ser aprendidos. A GU se desenvolve na criança como um órgão biológico. (GROLLA, 2009, p. 22).

Independentemente das explicações, controvérsias e novos dados, intrínsecos as teorias científicas, é possível perceber no dia a dia várias maneiras de comunicação não verbal: uma piscadela; o sorriso e seus inúmeros significados; levantar a sobrancelha ou os ombros para demonstrar dúvida ou espanto; jogar beijo; levar o dedo indicador à boca, para pedir silêncio, entre outros. Todos estes gestos falam, e às vezes gritam, sem verbalizar. Basta ficar atento e manter a sensibilidade sensorial ativa para notar a diversidade do universo comunicacional ao redor. Nessa infinidade de línguas e linguagens o que se diz por meio das mãos é um capítulo à parte, pois elas são tão eficazes no ato de comunicar que possuem uma língua e gramática própria: a Língua de Sinais (Libras), língua oficial dos surdos no Brasil.

5 O Que é Ser Surdo?

Quando se faz a pergunta, parece que a resposta é espontânea e óbvia: surdo é o sujeito que não ouve. A definição encontrada no dicionário Soares Amora (2008, p. 701) reforça esse conceito: “adj. 1. Que não ouve ou que ouve muito pouco”. Realmente, essa é a explicação universal para o termo técnico. Mas será que isso engloba todo o significado da palavra e explica quem é o sujeito surdo, como ele vive e sente essa surdez? Algumas pessoas nascem com a deficiência, outras adquirem depois de adultas. No primeiro caso, é preciso contar com a sensibilidade da família em se adequar ao fato e facilitar a adaptação do surdo ao meio social que vive. De acordo com Rinaldi (1997, p. 13) pelo menos uma em cada mil crianças nasce profundamente surda. No segundo, há um conflito maior, já que a audição foi perdida, aos poucos ou abruptamente, dependendo do tipo de surdez e a maneira que foi adquirida. Em ambos os episódios o processo é complicado e trabalhoso, mas algumas variações da deficiência são reversíveis completa ou parcialmente.

5.1 Para Entender o Processo

O ouvido humano é dividido em três partes, cada uma com função distinta¹²: O ouvido externo, que serve para coletar o som e levar, por um

¹²Informações e imagem retiradas do texto “O ouvido humano” de Bertulani, para o site da Universidade do Rio de Janeiro.

canal, ao ouvido médio. O ouvido médio, que por sua vez transforma a energia de uma onda sonora em vibrações internas da estrutura óssea do ouvido médio para, enfim, converter estas vibrações em uma onda de compressão ao ouvido interno. E, finalmente, o ouvido interno transforma a onda de compressão em impulsos nervosos que podem ser transmitidos ao cérebro através da cóclea, órgão em forma de caracol. Rinaldi (1997) explica:

Os três ossos do ouvido médio são os menores do corpo. Devido ao seu formato, chamam-se: martelo, bigorna e estribo. Eles estão interligados de maneira que as vibrações de um osso provocam vibrações no próximo osso da cadeia, levando as ondas sonoras até o ouvido interno, onde são transformadas em impulsos elétricos, que chegam ao cérebro através do nervo auditivo. [...] As vibrações que as ondas sonoras causam no ar são convertidas em sinais elétricos na cóclea do ouvido interno, onde penetram por uma membrana chamada janela oval e passam para um canal cheio de líquido. Tudo isso tem mais ou menos o tamanho do dedo mindinho e o formato de um caracol. O canal contém membranas com milhares de terminações nervosas parecidas com cílios. É o chamado órgão de Corti. As vibrações movimentam o líquido, que mexe os cílios e faz os nervos dispararem sinais elétricos. Esses sinais são transmitidos ao cérebro por meio do nervo auditivo. Vibrações mais fortes criam sons mais intensos. (RINALDI, 1997, p. 11, 12).

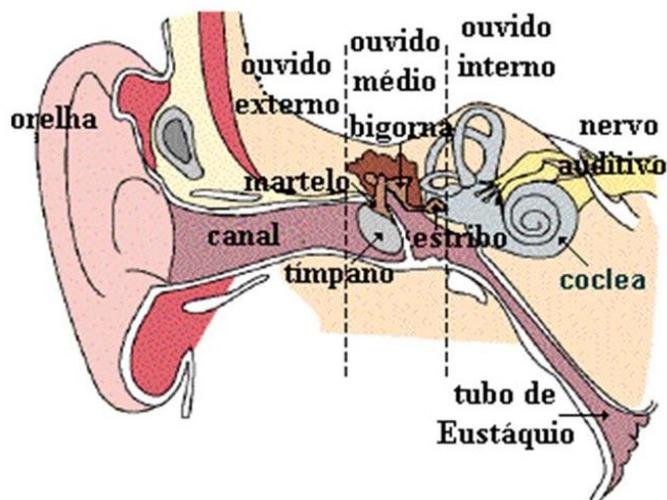


FIG. 4: Parte interna do aparelho auditivo

Fonte: <http://www.if.ufrj.br/teaching/fis2/ondas2/ouvido/ouvido.html>

Qualquer lesão ou irregularidade em um desses três ouvidos afeta diretamente a capacidade auditiva. Muitas pessoas desenvolvem problemas auditivos ao longo da vida, por causa de acidentes ou doenças. Tecnicamente a surdez é classificada em leve, moderada, severa e profunda, podendo ser condutiva (ou condutiva-perceptiva), que afeta o ouvido externo ou médio; neurossensorial ou sensorio-neural, envolve o ouvido interno ou o nervo auditivo; e mista, quando o problema se localiza no ouvido médio e interno. Rinaldi (1997, p. 13) exemplifica:

A surdez condutiva faz perder o volume sonoro: é como tentar entender alguém que fala muito baixo ou está muito longe. A surdez neurossensorial corta o volume sonoro e também distorce os sons. Essa interpretação descoordenada de sons é um sintoma típico de doenças do ouvido interno. [...] A surdez neurossensorial pode se manifestar em qualquer idade, desde o pré-natal até a idade avançada. A cóclea é um órgão muito sensível e vulnerável aos fatores genéticos, às doenças infantis, aos sons muito altos e

a alguns medicamentos. Muitos idosos também sofrem de surdez neurossensorial. (RINALDI, 1997, p. 14)

As causas¹³ são diversas e variam entre pré, neo e pós-natal. A gravidade dos danos à audição acompanha a classificação da própria surdez: leve, moderada e severa. Tudo depende do grau de comprometimento submetido à vítima, conforme descrito na tabela 3:

CAUSAS	CARACTERÍSTICAS
PRÉ-NATAL	Surdez do tipo congênita, aquela que se pode constatar no ato do nascimento. Adquirida através da mãe, durante a gestação.
Hereditariedade	É o processo biológico que permite a transmissão de informações contidas no DNA e transmitida, de geração a geração, por meio dos genes. No caso da surdez, as causas são endógenas ou exógenas. No primeiro caso, por influência da consanguinidade, quando existe histórico familiar ou quando não há compatibilidade sanguínea entre o pai e a mãe. No segundo, os fatores hereditários não são a origem da deficiência e sim alterações provocadas (por rubéola, por exemplo) no meio intrauterino.
Rubéola	Doença infecto-contagiosa causada por vírus (togavirus). A gestante é contagiada através das vias aéreas e, por sua vez, transmite para o feto pela placenta, por meio da corrente sanguínea. Em sua forma congênita causa surdez e até mesmo cegueira na criança.
Toxoplasmose	É contraída através do contato com fezes de gato ou ingestão de alimentos mal cozidos e higienizados. Transmitida para o feto através da placenta.
Citomegalovírus	Doença viral da família do Herpes.
Herpes	Herpes simples é doença sexualmente transmissível e pode ser transmitida ao feto no útero ou durante o parto.

¹³Informações retiradas do artigo sobre “Deficiência auditiva na criança” do acervo da Revista Brasileira de Otorrinolaringologia.

Sífilis	Também é doença sexualmente transmissível. Transmitida ao bebê pela mãe através de infecção intrauterina.
Medicamentos	Algumas drogas como antibióticos e diuréticos, ingeridos pela gestante, podem causar danos à audição do bebê.
Traumatismos	Traumas obstétricos, como escoriações, cortes ou hematomas.
Malformações	Anomalia na constituição de algum órgão. A malformação aparece como consequência das causas acima.
NEO-NATAL	Surdez em recém-nascidos, adquirida até oito dias após o parto. A criança fica surda por causa problemas que surgem durante o parto.
Eristoblastose fetal	Destruição das hemácias pelo soro materno devido à incompatibilidade sanguínea – fator RH.
Prematuridade	Quando o bebê nasce antes de completar as 37 semanas de gestação. O organismo é mais frágil, pouco peso, as orelhas são finas e moles, podendo haver malformação do ouvido.
Fórceps ¹⁴	Aparelho em formato parecido com uma colher, usado durante partos naturais (via vaginal) em caso de urgência, desgaste da mãe ou sofrimento do feto.
Icterícia	É causada pelo excesso de bilirrubina no sangue, deixa a pele e o branco dos olhos amarelados. A bilirrubina é um pigmento gerado pelo metabolismo das células vermelhas do sangue. A criança apresenta os sintomas da icterícia quando a formação de bilirrubina é maior do que a capacidade do seu fígado de metabolizá-la. A doença se manifesta por volta do segundo ou terceiro dia de vida e começa pela cabeça, progredindo para o resto do corpo.

¹⁴De acordo com Schmitt - autor de "Your Child's Health", Bantam Books -, em matéria para o site Uol Saúde (1999) A pressão do fórceps sobre a pele pode deixar contusões ou arranhões, ou mesmo pode danificar o tecido adiposo em qualquer parte da cabeça ou face.

PÓS-NATAL	Todo o tempo depois do parto. Alterações do ouvido interno e das vias nervosas auditivas advindas nesse período são denominadas disacusias neurossensoriais e podem afetar um ou ambos os ouvidos. A surdez, nesse caso, é severa ou profunda. Porém, também pode ocorrer a surdez condutiva, ou do ouvido médio, causada por otites, bloqueio da trompa de Eustáquio ou corpo estranho no canal auditivo externo. Essa última é leve e reversível, podendo ser tratada facilmente.
Otites	Termo médico para todo tipo de infecção no ouvido. Pode ser aguda ou crônica. Afeta o ouvido externo ou o médio.
Parotidites	Tumor de parótida ou tumor nas glândulas salivares. A infecção é causada pelo vírus da caxumba e, frequentemente, resulta em manifestações discretas ou é assintomática. É contagiosa e predomina o crescimento no número de casos na primavera e inverno. Pode levar à surdez transitória ou permanente em um para 20 mil casos, usualmente de início brusco e unilateral em cerca de 80% das vezes.
Sarampo	É uma doença infecto-contagiosa provocada por vírus (<i>Morbili vírus</i>) e transmitida através de espirros e tosse. Os sintomas são: manchas vermelhas na pele, febre, tosse, mal-estar, conjuntivite, coriza, perda do apetite e manchas brancas na parte interna das bochechas (exantema de Koplik). Leva até doze dias entre o contágio e o aparecimento dos sintomas, porém a doença pode ser transmitida também nesse período. Entre as complicações graves do sarampo estão otite, pneumonia, encefalite. Quando leva a uma infecção no ouvido médio, pode danificar a cóclea.
Meningite	Inflamação das meninges (membrana que envolve o cérebro) causada por bactérias ou vírus (pneumococo ou meningococo, por exemplo), é contagiosa, sendo que a bacteriana é a mais grave. Há uma produção de pus que espalha a doença por todo o sistema nervoso central. Atinge a garganta, o nariz e os ouvidos, pode destruir o órgão de Corti e o nervo auditivo. Os sintomas são: dor de cabeça, vômitos, rigidez da nuca, prostração e febre alta. Há dois grupos de maior risco: recém-nascidos e idosos.

Ototóxicos	São agentes químicos que lesam o nervo auditivo. Os principais são: monóxido de carbono, mercúrio, tabaco, ouro, arsênico, álcool. Em adultos a aspirina, o quinino e os diuréticos são as únicas drogas que causam perdas auditivas temporárias, passíveis de recuperação quando se retira a medicação. Os efeitos são amplos e atingem todas as faixas etárias.
Traumatismo Craniano	Pancada forte na cabeça pode causar o traumatismo craniano. Os sintomas são: desmaio, tontura, irritabilidade, perda de memória, entre outros. Uma das possíveis consequências pode ser a surdez súbita, que pode variar de leve a severa.

Quadro 3: Fatores que causam a surdez

5.2 Deficiência Auditiva tem Cura?

Por mais que se fale em aceitar os surdos como são, há sempre quem queira “curá-los”. Mas quem garante que eles realmente precisem dessa cura? Qual foi o momento em que a surdez passou a ser deficiência – de condição a patologia? Silva (2006) garante que essa história teve início com a exclusão da língua de sinais do ensino para surdos¹⁵:

Desde o século XVII até o Congresso em Milão, a crença no paradigma homem-máquina, engendrada pela ciência moderna, vai excluindo os surdos do processo educativo e transformando-os em deficientes. Simultaneamente, o surdo que se expande e se organiza política e socialmente vai se tornando, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa para a medicina, uma vez que, no novo paradigma, a surdez é uma anomalia orgânica e, portanto, sujeita à cura. Nesse processo de transferência de concepção – de trabalhador para deficiente –, o surdo perde o direito de vender a sua força de trabalho e passa a depender das habilidades e dos instrumentos do médico para curar aquilo que lhe falta:

¹⁵Este processo, assim como o que foi o Congresso de Milão é explicado no capítulo 6.1 sobre a história da Libras.

um dos sentidos mais importantes, na perspectiva dos ouvintes, a audição. (SILVA, 2006 p.30).

A boa notícia para os que almejam a cura é que alguns tipos da surdez são reversíveis, outros, a depender do grau, podem ser amenizados por meio de aparelhos auditivos. A medicina tem avançado muito nesse campo e, em casos especiais, se estiver de acordo com a vontade do surdo, há a possibilidade de se fazer a cirurgia coclear. Porém, há sempre aquela versão da deficiência auditiva que é permanente. Nesse caso, a sensório-neural, ou neurossensorial. De acordo com Rinaldi (1997, p. 14) “É impossível curar a surdez neurossensorial do ouvido interno. Entretanto, os adultos ou idosos e, às vezes, até as crianças podem fazer implante de eletrodos na cóclea.”

Os tipos mais leves e reversíveis da surdez são os que configuram a perda da capacidade auditiva por condução ou transmissão, forma condutiva (no ouvido externo ou médio). Essas podem ser tratadas com medicamentos, podendo haver necessidade de cirurgias para fechar perfurações nos tímpanos, drenagens e substituição do estribo por outro artificial. Há casos em que se pode recorrer aos implantes cocleares.

5.2.1 Implante Coclear

É um aparelho eletrônico de alta complexidade, recurso utilizado para tentar recuperar a audição, total ou parcial, de deficientes auditivos com histórico de surdez sensório-neural de severa a profunda. Aqueles que não conseguem melhorar a percepção sonora apenas com o uso da prótese (amplificador) comum. Trata-se de procedimento cirúrgico, com duração aproximada de 3h sob o efeito de anestesia geral, em que é implantado um dispositivo na cóclea. O dispositivo possui aproximadamente 22 eletrodos que estimulam diretamente o nervo auditivo, que manda os sinais para o cérebro. O aparelho coclear¹⁶ é composto por uma parte interna e outra externa. Como pode ser visto na imagem:

¹⁶Fonte de informações e imagens: *Grupo de Implante Coclear do HC-FMUSP* (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo). Através do site www.otorrinos24horas.com.br/.



FIG. 5: aparelho usado para implante coclear

Fonte: Site <http://www.ouvidobionico.org.br/images/AparelhosFig2.jpg>

A unidade interna possui um feixe de eletrodos que será posicionado dentro da cóclea. Este feixe de eletrodos se conecta a um receptor (de-codificador) que ficará localizado na região atrás da orelha, implantado sob a pele. Acoplado ao receptor está a antena e o ímã que servem para fixar a unidade externa e captar os sinais elétricos.



FIG. 6: Aparelho coclear já implantado por meio da cirurgia coclear.

Fonte: Site <http://www.qir.com.br/wp-content/uploads/O-implante-coclear.jpg>

Desde 20 de outubro de 1999 cresceu consideravelmente o número

de procura pelos implantes. Nesta data foi aprovada a Portaria 1278, que acata, na forma do Anexo II, as Normas para Cadastramento de Centros/Núcleos para realização de Implante Coclear. Ou seja, as cirurgias passam a ser oferecidas pelo Serviço Único de Saúde (SUS). Alguns hospitais públicos, como o Hospital Santo Antônio, das Obras Sociais Irmã Dulce (OSID), de Salvador, BA, já estão habilitados para realizá-las. Entretanto, é necessário que o candidato passe por uma *anamnese*¹⁷ completa, a fim de avaliar suas condições físicas e psicológicas e definir qual o procedimento adequado.

Nem sempre há indicação para a cirurgia. De acordo com o grupo de fonoaudiologia do Hospital das Clínicas, os melhores resultados são obtidos em dois casos: quando a cirurgia é feita em crianças de 0 a 2 anos e nos casos sensório-neural. No segundo, quanto maior for o tempo de surdez, pior o resultado. Nos outros tipos da deficiência auditiva, fica comprometida a eficácia dos resultados no pós-operatório.

6 O Surdo Pelo Surdo

Até aqui foram expostas as formas verbais e não verbais de comunicar e os conceitos da surdez, quando tratada como patologia clínica. Agora será mostrado outro lado dessa questão: como a surdez é vivida e sentida. Pois a deficiência auditiva já não é mais como antes, nem na terminologia e tampouco no significado. Santana e Bérnago (2005, p. 03) esclarecem que a “mudança de nomenclatura não é só terminológica, mas conceitual”. A surdez passa de patologia para fato social e o deficiente auditivo torna-se e passa a ser chamado de surdo: pessoa normal, apenas diferente.

Ainda assim, as mudanças seguem em ritmo lento e, na maioria das vezes, pouco perceptíveis para quem vive a surdez e tudo que vem com ela. Um bom exemplo para ilustrar tal experiência é a história de Marcos Rosa Fonseca. Ele é do interior de Minas Gerais, tem 32 anos e sua mãe atende pelo nome de Iolanda, que também é uma das personagens do livro-reportagem proposto neste trabalho.

Marcos nasceu surdo numa família de ouvintes em que já havia um membro na mesma situação. Porém, a surdez não era seu único pro-

¹⁷É o conjunto das informações recolhidas pelo médico a respeito de um doente.

blema, depois de vários exames foi detectada uma disritmia cerebral¹⁸ e raquitismo¹⁹ que demandavam acompanhamento médico e remédios controlados. Desde criança ele conhece as limitações da deficiência auditiva e o preconceito acerca dela.

Quando saía na rua, Marcos era apontado pelas outras crianças como o doido. Elas corriam de medo, pois aprenderam com os pais que ele era “o mudinho doido” e iria pegá-los para fazer-lhes alguma maldade. Isso piorava ainda mais a situação, porque Marcos não entendia a reação das crianças nem a agressividade dos adultos que lhe viravam o rosto e o ignoravam como se ele tivesse alguma doença contagiosa. Parece incomum e cruel, mas esse não é um caso isolado. Vários cientistas apontam situações parecidas e tentam esclarecer a origem da discriminação. Rinaldi (1997, p. 15) esclarece que por um longo tempo a deficiência auditiva era confundida com deficiência mental e até mesmo possessões demoníacas. Os surdos têm sido taxados de “‘doidinhos’, mudos ou surdos-mudos”.

O estigma social acompanha o surdo desde os primórdios. Até onde se sabe, nunca ocuparam lugares de destaque na história política ou cultural deste país. Müller de Quadros e Perlin (2007) confirmam essa afirmação:

A história nos colocou como deserdados [...] e toda sorte de estereótipos, menos valias nos colocaram todos com os mesmos caracteres, todos não constantes dos espaços de desenvolvimento do país, apesar da visibilidade de nossas diferenças. O triste espaço da deficiência foi o alibi para nos manterem “baixas do progresso”. Usurparam nossa diferença e disso sequer poderíamos sair pelos cadeados colocados aqui e ali. (MÜLLER DE QUADROS & PERLIN, 2007, p. 13)

A história, realmente, foi um importante fator de atraso na trajetória de conquistas dos surdos. Regina Maria de Souza escreveu para o site

¹⁸Essa doença acarreta um conjunto de sintomas que se distinguem por fatos recorrentes e breves, capazes de distorcer a consciência. Podem se associar a alterações dos movimentos, convulsões e mesmo transtornos do sentimento, das emoções, da conduta, ou tudo isso junto.

¹⁹Deficiência de cálcio nos ossos, causada pela falta da vitamina D.

popsic.com em agosto de 1995 que por toda a antiguidade “com o aval de filósofos como Aristóteles, até quase o final da Idade Média, os surdos eram considerados imbecis e, portanto, sem direitos legais ou civis.” Foi somente depois do código Justiniano de 529²⁰, que surgiu distinção entre surdos inatos e os que haviam adquirido a surdez após terem recebido educação. Apenas a estes era concedido o exercício da cidadania.

Nesse sentido, Marcos tem duplo motivo para sofrer preconceito, ou seja, ainda que não portasse a disritmia, estaria à mercê do julgamento, humilhação e isolamento da sociedade. A mesma que rotula e exclui indivíduos pelos mais variados motivos. Entre eles, a deficiência auditiva. Porém, muitas vezes, por falta de conhecimento ou desinteresse, o preconceito começa em casa. Mas quando isso acontece, o que pode ser feito?

Difícilmente o surdo consegue ir contra a vontade dos pais. Assim como acontece com outros surdos, quando se notou a deficiência, Marcos foi encaminhado para um profissional em fonoaudiologia. Esse fonoaudiólogo orientou Dona Iolanda, a mãe, a não deixá-lo usar mímica para se comunicar. A razão era tentar forçar a oralidade, já que o garoto tinha as cordas vocais em perfeito estado, como, aliás, a maior parte da comunidade surda. Ela obedeceu e armou uma batalha incessante, acompanhada de mal-estar e estresse, com o filho, que insistia em usar mímica. O resultado foi que Marcos não aprendeu a Língua de Sinais (Libras).

As técnicas usadas para se conseguir “arrancar” a fala dos surdos eram e ainda são questionáveis. Será que é mesmo necessário privá-los da comunicação manual para obrigá-los a usar a oralidade? Nesse caso, os prejuízos podem significar muito mais do que retirar dos surdos o direito a uma língua. Santana e Bérnago (2005, pp. 03,04) afirmam que há uma perda de identidade, pois é preciso que haja contato com outros surdos que usem a língua de Sinais para que surjam novas formas de interagir. Eles descobrem formas de dialogar e aprender que não conseguem por meio da língua falada. “Ao tomar a língua como definidora de uma identidade social, ainda que se leve em conta as re-

²⁰Justiniano foi um imperador romano que subiu ao trono em agosto de 527 d.C., iniciando obra militar e legislativa. Reuniu comissão de dez membros para compilar as constituições imperiais vigentes e instituiu o que ele chamou de “Novus Justinianus Codex”.

lações e os conflitos relativos às distintas posições ocupadas por grupos sociais, enfatiza-se o seu carácter instrumental.” E os autores creditam a natureza e significação dos surdos em sociedade às interações sociais às quais estão ligados.

SOUZA (agosto de 1995) confirma que os problemas afetivos enfrentados pelos surdos estavam fortemente ligados à privação linguística que imputávamos a eles. Por isso grande parte dessas pessoas acabou por confirmar os argumentos em favor da necessidade de acompanhamento psicológico e médico. Fortaleceu-se a ideia de que era preciso métodos corretivos ou preventivos dos sintomas que a teoria esperava que emergissem. Assim, criou-se um círculo vicioso: “a privação linguística, provocada pelos preconceitos da sociedade e dos profissionais em relação à L.S., condicionava graves comprometimentos afetivos e cognitivos no surdo, o que, por sua vez, compelia o psicólogo a adotar uma *praxis*²¹ ‘reabilitadora’. Não havia, aparentemente, outra saída.”.

Os surdos já possuem sua própria língua, que é reconhecida por lei. Porém, até então, pouco aderida e respeitada pela sociedade. Mas por que ocorre a rejeição? Algumas suspeitas já podem ser levantadas: pelo histórico de descaso com o surdo; por haver uma minoria de deficientes auditivos na sociedade; falta de interesse em aprender a língua e interagir com os surdos; pouca divulgação e oferta de cursos para habilitar os ouvintes; ou todas as alternativas acima. Müller de Quadros e Perlin (2007) apontam para uma rotulação dos surdos, colocando-os à margem da sociedade e desvalorizando sua cultura:

Nós surdos somos aquele grupo [...] de *párias da sociedade*. O que nos levou a ser classificados como isto, se estamos bem vestidos, comemos em restaurantes de classe e transitamos em qualquer ambiente como qualquer grupo, simplesmente a chamada normalidade? [...] Hoje os párias, os não-normais não irão para quaisquer países como nos tempos da colonialidade em que o rei determinava a criação de novas cidades e os deficientes eram jogados pelos despenhadeiros, por representarem um peso para a sociedade.

²¹ Termo que significa "acção" ou "actividade" e que foi introduzido por *Aristóteles* para, por oposição a *theoria* (teoria) e *poiêsis* (arte). Na linguagem comum, a prática é frequentemente entendida em oposição a teoria. (Dicionário de Filosofia, 2003).

A temporalidade daqueles feitos incautos mudou. Ficamos entre os homens e mulheres, pois assim a vida é possível. [...] Não nos importa que nos marquem como refugos, como excluídos, como anormais. Importa-nos quem somos, o que somos e como somos. A diferença será sempre diferença. (MÜLLER DE QUADROS e PERLIN, 2007, pp. 09-10).

O fato apontado por vários teóricos: a Língua dos Sinais (Libras) é um fator que define e reforça a identidade e a cultura surdas. No entanto, outro elemento de relevância é a resistência social em acolher e integrar a comunidade surda e suas diferenças junto aos ouvintes. Eles não querem, nem precisam de cura, apenas de respeito. Afirmam sua diferença, porém rejeitam o estigma da patologia. “Continuamos a dizer que somos normais com nossa língua de sinais, com o nosso jeito de ser surdos.” (MÜLLER DE QUADROS e PERLIN, 2007, p.10). E por isso lutam, se organizam em Associações e outros espaços onde formam grupos de resistência aos preconceitos e exclusão como esclarece Miorando (2006) :

O Movimento Surdo, no mundo, proporcionou uma organização política que avança no sentido de superar a marginalização, trazendo esse sujeito para os espaços que o enxerguem como um cidadão. É uma organização que atua a partir de estratégias que buscam romper estereótipos que ameacem a sua acessibilidade a uma gama de direitos adquiridos, principalmente, a uma educação de qualidade. Nas camisetas que seus integrantes usam, está estampado o seu desejo de reconhecimento: “Pelo direito de ser surdo”, pela não obrigação de ser submetido a estratégias que o queiram ouvinte, como se não fosse normal. Ou seja, a condição que encorajou surdos a criarem estratégias próprias para fazerem o que um cidadão, por direito, faz: estudar, aprender, trabalhar, ser feliz! (MIORANDO, 2006 p. 78).



FIG. 7: Camiseta de protesto contra o preconceito

Fonte: site http://www.zazzle.com.br/eu_ nao_sou_ignorante_mim_sou_surdo_camiseta-235477705924753764

Nota-se que a aceitação dos surdos pela sociedade fica intrinsecamente condicionada a algumas regras, uma delas é que o surdo se oralize e abandone sua língua. Condição que eles definitivamente não aceitam, pois seria abandonar o que os definem como seres sociais distintos, carregados de sua própria cultura. Agentes significantes, produtores de significados acerca da história de exclusão e lutas sociais nesse país.

6.1 Essa Língua tem História

Há relatos da existência de uma língua de sinais (ou mímica, como era chamada) desde os primórdios, assim foi descrito por Ramos (2004):

O primeiro ponto de vista é defendido por cientistas como G. Révész, que, em seu livro *Origine et Préhistoire du langage* (citado por Kristeva: 1981), aponta para uma perspectiva evolutiva na qual, em seis etapas, traça uma linha desde a comunicação animal até a linguagem humana altamente desenvolvida e complexa. O homem em seu estado primitivo estaria associado à dêixis, aos gritos e aos gestos. Essa visão, compartilhada durante muito tempo pela comunidade científica trouxe, e traz ainda, uma boa dose de rejeição às Línguas de Sinais das comunidades surdas, associando-as à gestualidade primitiva e, portanto à inferioridade. (RAMOS, 2004 p. 03)

Essa afirmação explicaria, pelo menos em parte, o histórico de exclusão que acompanha os surdos e sua língua. Mas o homem somente considera uma língua como tal se houver uma cultura a ela ligada, por isso Ramos (2004, p. 01) afirma que “sob esse ponto de vista, as Línguas de Sinais existiram desde que existe a língua oral humana”. E os interesses científicos sobre essa linguística também é bastante antigo.

Data de 1644 o primeiro livro²², em inglês, com autoria de J. Bulwer, que descreve a língua dos sinais. Mais tarde, em 1860, na França, o abade L’Epée, a partir de trabalho desenvolvido com duas surdas acerca da língua utilizada nas ruas de Paris, desenvolve uma metodologia que ele chamou de “Sinais Metódicos”. Sacks, (apud SOUZA 1995) conta que ele se empenhava muito no uso dessa língua, mas ao contrário dos oralistas, não tentava a qualquer custo fazer os surdos falarem.

Além do mais, L’Epée contava com o apoio de renomados filósofos da época, que consideravam sua chamada “mímica dos surdos” mais do que uma simples linguagem. Era arte de ensinar que até mesmo superava a fala. “A ideologia reabilitadora teve, pois, com L’Epée, outra roupagem. Já não era mais a deficiência física do surdo o alvo para correção, mas sim seu próprio modo de se comunicar.” (SACKS apud SOUZA, agosto de 1995) Essa teoria foi respeitada e aderida pelo Instituto de Surdos e Mudos (atual Instituto Nacional de Jovens Surdos), de Paris, para a educação dos seus alunos.

Enquanto isso, em 1817, foi fundada nos Estados Unidos pelo professor Thomas Hopkins Gallaudet e um dos seus melhores estudantes, a primeira escola permanente para surdos em Hartford, Connecticut. A Língua Americana de Sinais (ASL) foi completamente aceita como língua de instrução nas escolas dos Estados Unidos em 1835. E, de acordo com Ramos, (2004, p. 65) “houve em consequência dessa atitude uma elevação do grau de escolarização das crianças surdas, que passaram a atingir o mercado profissional de nível mais alto, a maioria delas optando por se tornarem professores de surdos.” A pesquisadora comprova que estudos realizados em 17 países da Europa mostram uma tendência à adesão da língua dos sinais na educação dos surdos nessa mesma época e com os mesmos resultados positivos.

²²Fonte: Clélia Regina Ramos, em artigo escrito e divulgado pela editora Arara Azul, em fevereiro de 2004.

No entanto, em 1880 houve uma mudança radical e a língua de sinais passa a ser banida de forma progressiva das escolas de surdos. Essa mudança ocorreu depois do Congresso de Milão, que reuniu 182 dos mais renomados professores de surdos, na maioria ouvintes, oriundos de países como Bélgica, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Suécia, Rússia, Estados Unidos e Canadá. Não há nenhuma explicação plausível para tal atitude, porém, Silva (2006) esclarece alguns pontos sobre o evento:

O objetivo foi discutir a educação de surdos e analisar as vantagens e os inconvenientes do internato, o período necessário para educação formal, o número de alunos por salas e, principalmente, como os surdos deveriam ser ensinados, por meio da linguagem oral ou gestual. Nesse Congresso, que no momento da deliberação não contava com a participação nem com a opinião da minoria interessada – os surdos –, um grupo de ouvintes impôs a superioridade da língua oral sobre a língua de sinais e decretou que a primeira deveria constituir o único objetivo do ensino. A discussão foi extremamente agitada e, por ampla maioria, o Congresso declarou que o método oral, na educação de surdos, deveria ser preferido em relação ao gestual, pois as palavras eram, para os ouvintes, indubitavelmente superiores aos gestos. (SILVA, 2006, p. 26).

A partir desta data a maioria dos países optou por restringir a educação dos surdos a uma única língua: a oral, o que os afastou do processo educativo. Isso os tornou “deficientes” aos olhos da sociedade, pré-conceito que originou depois do Congresso de Milão e resiste até hoje. Vários pesquisadores, entre eles Souza (fevereiro 2007) contam que muitas escolas especiais tiveram suas portas fechadas ou abandonadas, as segundas com subsídios insuficientes para mantê-las. O temor era que essas escolas se tornassem pontos disseminadores da língua de sinais. “A orientação era que as crianças surdas fossem, preferencialmente, colocadas em escolas regulares junto com alunos ‘normais’ e que não tivessem nenhum contato com outras crianças surdas.” (Souza, fev. 1995).

Assim, se estabelece uma lacuna na história da LS que vai até a década de 1940, quando surgem pistas de retorno desta língua às escolas. Dessa forma, entre trancos e barrancos, a LS resiste ao tempo até a atualidade, apesar dos entraves. E os Estados Unidos continuam a ser a maior referência em pesquisa linguística no campo da Língua de Sinais. Empregam, inclusive, alguns pesquisadores surdos em suas equipes. O que é uma grande conquista. A inserção desses estudiosos nos grupos de análise deverá gerar mudanças qualitativas nas pesquisas que vem sendo realizadas. Isso faz pensar na possibilidade de, talvez, as comunidades acadêmicas e políticas brasileiras copiarem este modelo. Seria uma revolução em prol do avanço rumo à inclusão dos surdos nos vários setores a que ainda são privados neste país.

6.1.1 Que libras é essa?

E no Brasil, como surgiu a Libras? Em 26 de setembro de 1857 foi fundado no Rio de Janeiro o Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES), por meio da Lei 839, assinada por D. Pedro II. Assim ficou marcado o início oficial da educação dos surdos no Brasil. Porém, de acordo com Reis, citado por Ramos em artigo escrito para o site da editora Arara Azul, em fevereiro de 2004, em 1835 um deputado de nome Cornélio Ferreira apresentou à Assembleia um projeto de lei com base na criação do cargo de "professor de primeiras letras para o ensino de cegos e surdos-mudos". Mas não obteve êxito na aprovação.

De acordo com Reis (apud Ramos, 2004, p. 05) o interesse de Dom Pedro II em educação para surdos viria do fato de ser a princesa Isabel mãe de um filho surdo e casada com o Conde D'Eu, parcialmente surdo. Houve realmente grande empenho por parte de D. Pedro II na fundação de uma escola para surdos, ele determinou, inclusive, que viesse para o Brasil em 1855 um professor surdo francês, Ernest (ou Eduard) Huet. O intérprete francês, vindo do Instituto de Surdos-Mudos de Paris, garantiu que o trabalho com os surdos estivesse atualizado com as novas metodologias educacionais.

Por isso acredita-se que haja grande influência da língua de Sinais Francesa sobre a Língua Brasileira de Sinais. O fato é que naquele

tempo, a língua dos sinais e o alfabeto datilológico²³ eram aceitos e até estimulados na educação dos surdos, pois se acreditava que podiam facilitar a integração entre professores e alunos. Em 1973, finalmente, foi escrito um livro sobre a língua dos sinais pelo estudante brasileiro Flausino José da Gama, *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. A obra é inspirada em livro de publicação francesa, o qual pesquisou na biblioteca do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (INSM).

E em 1911 o INSM passou a usar a oralidade pura como método de ensino, a exemplo dos demais países. Mas ouviu, mesmo que velada, uma luta contra a metodologia por parte de professores, funcionários surdos e os ex-alunos que sempre mantiveram o hábito de frequentar a escola. Porém, não foi o suficiente, pois ainda hoje a comunidade surda contabiliza os prejuízos, morais, intelectuais e financeiros da supressão de sua língua. Tal ato de mutilação identitária teve origem no Congresso de Milão e adesão no mundo inteiro. Sobre isso, Silva (2008) diz:

Diante da concepção medicalizada da surdez, as escolas pouco a pouco são transformadas em salas de tratamento. As estratégias pedagógicas passam a ser estratégias terapêuticas. Os professores surdos são excluídos e incluem-se os profissionais ouvintes. Os trabalhos pedagógicos coletivos são transformados em terapias individuais e, o que é mais grave, a partir dessa concepção entendeu-se que a surdez afetaria de modo direto a competência linguística dos alunos surdos, estabelecendo assim uma equivocada identidade entre a linguagem e a língua oral. Dessa idéia se infere a noção de que o desenvolvimento cognitivo está condicionado ao maior ou menor conhecimento que tenham os alunos surdos da língua oral. (SILVA, 2008 p. 32).

Finalmente, no ano de 2002 a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como Língua oficial dos surdos no Brasil por meio da lei nº 10.436, regulamentada pelo decreto 5.626/05. E consta no Parágrafo Único que a Libras é uma língua visual-motora de estrutura gramatical própria e um “sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”.

²³Alfabeto dos surdos, da Libras. Usam-se as mãos para soletrar.

Essa ação representa um grande avanço na luta da comunidade surda por reconhecimento e respeito. As ações implementadas impulsionam a sociedade a dar mais um passo rumo à devolução da cidadania surda, tolhida por anos na história. Ramos (2006) confirma:

A Regulamentação da Lei nº 10.436 (conhecida também como a “Lei de Libras”) em 22 de dezembro de 2005 passará para a história como um marco positivo na luta pelos direitos de cidadania dos surdos brasileiros. O Decreto 5.626 prevê a inserção da língua de sinais como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional. Prevê também a formação de profissionais surdos e ouvintes para o ensino da língua de sinais, assim como a formação e avaliação dos Intérpretes e Tradutores de Libras, entre outras diversas e importantes ações. (RAMOS, apud MÜLLER DE QUADROS, 2006, p. 04).

Müller de Quadros e Massutti (2007, p. 244) ratificam tal afirmação e complementam: tal lei visa preservar e disseminar a Língua Brasileira de Sinais. Isso assegura o compromisso de formar professores de Libras e intérpretes e propõe curso superior bilíngue voltado a educação infantil. Além do mais, determina a inclusão da língua de sinais em todos os cursos que formam educadores no Brasil.

Na teoria parece perfeito. Mas na prática a realidade é outra, ainda não se pode dizer que, com essa lei, os surdos passam a compartilhar dos mesmos benefícios que o ouvinte no interior das salas de aula nas universidades, nas agências bancárias, lojas ou quaisquer outros locais públicos. As barreiras da linguagem ainda são visíveis e difíceis de transpor. A língua de Sinais é pouco compreendida pela larga maioria da sociedade. Vale ressaltar que, por não haver outra forma de compreender a língua falada, os surdos aprenderam uma técnica bastante funcional para facilitar a interatividade com os ouvintes: a leitura labial.

6.1.2 Ler lábios é ver vozes

Com a demanda de oralizar o estudante surdo a qualquer preço, criou-se o que os cientistas chamam de “medicalização da surdez”. Acompanhando essa tendência e usando como justificativa uma falsa inclusão, surgiu na catequização, por meio de certo médico holandês, uma técnica diferente. Johann K. Amman (1669-1724), visando interesses religiosos tinha por objetivo inserir na educação para surdos a articulação de palavras por meio da leitura labial. Para tanto ele desenvolveu a técnica do espelho. Assim, os surdos reproduziam, mecanicamente, os movimentos da língua falada na pronúncia das palavras “Embasados nos ideais da ciência mecanicista, que aventava a cura audiológica, inicia-se, com Amman, a cura da fala ou [...] ‘a pedagogia corretiva’”. (SILVA, 2006 p. 31).

O que se percebe até então é um vasto histórico de supressão da língua mãe (Libras) e imposição arbitrária da linguagem oral aos surdos. Talvez seja esse o motivo pelo qual a comunicação entre surdos e ouvintes seja ainda uma via de mão única. Essa ideia de que não é preciso aprender a língua deles pode ser observada no interior das salas de aulas nas escolas de ensino regular, públicas, que acolhe estudantes ouvintes e surdos. O professor ouvinte, que não sabe Libras, prioriza a aprendizagem dos estudantes ouvintes. Pois simplesmente não sabem como interagir com os surdos. As condições oferecidas aos alunos surdos são desiguais e inferiores em relação às disponibilizadas aos ouvintes. O surdo, quando em sala de aula, não tem suas necessidades observadas ou supridas, impossibilitando assim o seu completo desenvolvimento. Enfim, “os conhecimentos e informações trabalhados nas escolas são vinculados exclusivamente à língua portuguesa.” (MACHADO, 2006 p. 49). Sobre isso Silva (2008) diz:

As representações do ser surdo, em um universo essencialmente regulado pelo som, ouvir e falar, traduzidas na prática pedagógica pelo ler e escrever tornaram-se tão essencializadas no espaço escolar que qualquer outra forma de ensino não centrado na Língua Portuguesa provoca estranheza e sofre profundas restrições, se não impedimentos legais no processo de implantação. (SILVA, 2008, p. 82)

Lajonquière (apud SOUZA, agosto de 1995) confirma o que vários

pesquisadores apontam quando esclarece que já não é mais o aluno que a escola recebe e sim o “deficiente”. Ele afirma que ficava a cargo da “submissão às práticas ‘ortopédicas’ de reabilitação, a busca do resgate de uma função que já deveria ser operante.”

Vistos por esse ponto, sucumbindo aos empecilhos impostos no caminho da alfabetização e vida escolar, os surdos acabam desistindo de ir para a escola. Assim vão sendo esquecidos como estudantes e, mais tarde, como profissionais. Há um grave bloqueio comunicacional que dificulta a inserção dos surdos nas universidades e cursos de capacitação: a falta de intérpretes. Até mesmo nos cursos de habilitação em comunicação social a escassez da matéria Libras na grade é visível. Quando há aulas dessa disciplina, são oferecidas em caráter opcional. Enquanto isso os profissionais da área saem das faculdades com uma brecha no ensino adquirido. Não estão amplamente aptos para a comunicação não verbal. Não sabem comunicar com os surdos.

6.1.3 Como é que se diz?

Amine Leitão, estudante de jornalismo em uma faculdade de Salvador, BA, certa vez se viu às voltas com uma matéria, que precisaria produzir, sobre a inclusão de deficientes no mercado de trabalho. Era simples, só teria que pesquisar um pouco e entrevistar as fontes. Ela ficou sabendo que um supermercado, nos arredores da faculdade, tinha um quadro de empregados com esse perfil e foi até lá a fim de entrevistá-los. No entanto, não foi possível concluir sua tarefa. Havia duas empacotadoras que poderiam ter dado as entrevistas, mas eram surdas e Amine não sabia se comunicar com elas.

Esta história serve para ilustrar a falta de interatividade entre surdos e ouvintes no Brasil, assim como a situação constrangedora para ambas as partes. Uma porque não consegue entender e a outra por não ser entendida, apesar de ter sua língua reconhecida por lei. Amine, ao contrário da maioria, se mostrou curiosa sobre o significado dos gestos manuais e faciais utilizados pelas surdas.

– Será que aprender Libras é assim tão complicado? Todos aqueles sinais parecem muito complexos. – Ela pensou.



FIG. 8: Os sinais parecem mais complicados do que realmente são.

Fonte: site <http://retratosdaalma.com.br/wp-content/uploads/2011/02/sampd1d0eec44314bf42-me-escuta.jpg>

Na verdade, aprender a se comunicar por meio da língua de sinais pode ser divertido e prazeroso. As semelhanças entre a língua de sinais e a língua falada se dão tanto em relação à sua complexidade quanto à sua expressividade. Devido a sua modalidade viso-gestual são utilizadas as mãos e expressões faciais e corporais. Assim, são produzidos os sinais linguísticos que são captados pelos olhos e traduzidos pela mente. No caso das línguas orais é utilizada a modalidade oral auditiva, nela os sons são percebidos pelos ouvidos. “Além disso, as diferenças não se restringem apenas ao canal de comunicação, mas também às estruturas gramaticais de cada língua.” (Oliveira e Cunha, 2009, pág. 2).

Como qualquer outra tarefa, para bem apreender a Libras, basta interesse, dedicação e trabalho. Por meio das mãos é possível dizer tudo. A figura abaixo mostra o alfabeto como é na Língua Brasileira de Sinais:

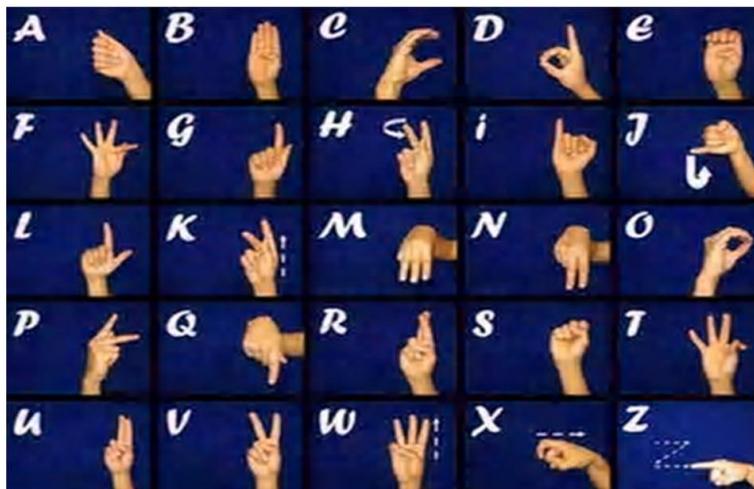


FIG. 9: Os gestos correspondentes a cada letra do alfabeto.

Fonte: site

http://1.bp.blogspot.com/_A8fPA0p6NTE/TC1A6NilwcI/AAAAAAAAIX0/QzO7I4pJUgs/s1600/Alfabeto+e+Libras.jpg

A Libras tem gramática e significados próprios. Os sinais representam as palavras e isso é feito através da combinação do movimento das mãos com certa representação corporal. Por exemplo, parte externa da mão sobre os lábios, quer dizer mamãe, ou dedo indicativo sobre o lábio superior, no canto da boca, é papai. Mas não é regra que esses sinais sejam os mesmos para todos os surdos, ao contrário, há muitas variações de acordo com a região do Brasil. A língua de sinais também tem regionalismo, assim como outras línguas. Os sinais variam não só de acordo com o estado, mas também com as culturas regionais, religiões, grupos sociais, etc. No entanto, alguns parâmetros foram encontrados, como descrevem Oliveira e Cunha (2009):

Os parâmetros encontrados em língua de sinais são os seguintes:

Configuração de mãos, que seria a forma das mãos durante a realização do sinal; ponto de articulação ou locação, que é o espaço de enunciação; movimento, envolvendo movimentos internos da mão, do pulso e outros direcionais no

espaço; orientação/ direcionalidade, referindo-se à direção da palma da mão ao produzir os sinais; expressão facial e/ou corporal, que são os componentes não manuais importantes na distinção entre alguns sinais. Pesquisas mostram que a língua de sinais, assim como a língua oral, se estrutura em níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. (OLIVEIRA;CUNHA, 2009, pp. 02-03)

Apesar de ambas as línguas (LS e a Língua Portuguesa) possuírem morfologia, sintaxe, semântica e fonologia, foi detectado diferenças expressivas entre elas. Oliveira e Cunha (2009) afirmam que por se tratar da língua de sinais a morfologia “apresenta características bem complexas em relação à derivação, flexão e composição, sendo observáveis quanto à motivação icônica, lexicalização e sistematicidade linguística”. Isso pode ser detectado observando as modificações da configuração de mãos durante o diálogo. O nível fonológico é aplicado de forma abstrata, já que na Libras não se trabalha com os sons, efetivamente.

Na sintaxe há controvérsias em relação à organização das frases. Nota-se certa flexibilidade na ordem das palavras. Ainda assim, a forma que prevalece é Sujeito-Verbo-Objeto. Há também discussões sobre os estudos das relações, foi detectado que não existe ligação direta entre os significados da língua de sinais e a língua oral. “Ressaltando que os sinais não são criados aleatoriamente, mas seguindo critérios estruturais pré-definidos.” Oliveira e Cunha (2009, p. 4).

O que se nota é um grande descaso em relação à disseminação da Libras, pois essa língua, relegada pela sociedade, ainda não conta com a credibilidade e apoio necessários para conquistar espaço como disciplina nas grades fixas de escolas regulares e faculdades brasileiras. É considerada “pantomima” ou “mímica”, incapaz de transmitir mensagens de forma dinâmica, como apontado por alguns pesquisadores.

A rejeição dessa língua pela sociedade é negar aos surdos o seu direito de ser, de viver sua própria humanidade. Teixeira e Silva em sua tese de doutorado apresentada na PUC-Rio em agosto de 2004, esclarecem que uma das principais características dos seres humanos é a sua capacidade de simbolizar e construir, por meio das linguagens, o mundo ao seu redor. A língua dos surdos (língua de Sinais) é utilizada quase que exclusivamente por eles próprios, poucos são os nativos de outras línguas que sabem utilizar a LS. Os pesquisadores afirmam que a

observação empírica confirma o status inferiorizado da Libras em comparação com a Língua Portuguesa, isso se tratando dos que a conhecem. Alguns grupos sequer sabem de sua existência. A desconsideração da LS traz grandes prejuízos à comunidade surda, pode-se afirmar até que “esta comunidade perde, aos olhos dos outros, sua humanidade, sua possibilidade de significar junto com outros grupos sociais.” (TEIXEIRA E SILVA, 2004, p. 23)

Por isso, convém ratificar que, a implantação da Língua de Sinais nas instituições, principalmente nas escolas regulares de ensino básico, só iria enriquecer a comunicação entre os membros da sociedade. Assim seria instituído o bilinguismo, que viabiliza a interatividade entre surdos e ouvintes em um nível de compreensão equivalente.

6.2 Ser Bilingue é...

Ter uma língua materna e outra secundária. Os surdos o bilíngues são aqueles que convivem com duas realidades comunicacionais e culturas diferentes. Quando nascem em família de ouvintes, o primeiro contato é com cultura oralizada, aprende a ler lábios e passa a reconhecer as palavras. A essa condição Perlin (apud CUNHA 2007, p. 58) chama “identidade surda de transição”. Seria aquele surdo que, apesar de crescer com todos os conceitos ouvintistas²⁴, consegue achar o caminho rumo à identidade surda²⁵. Mas, não sem muito questionar os estereótipos impostos e a educação oferecida a ele.

Algumas crianças surdas são mandadas para escolas de educação especial, como a APAE²⁶, que não é direcionada apenas a instrução dos surdos e sim, a portadores de todos os tipos de necessidades especiais.

A criação dessas instituições se deu por motivos questionáveis, assim como sua função de origem. Foucault, citado por Souza em artigo para o site pepsic.com, em agosto de 1995, explica:

²⁴O ouvintismo é “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. (SKLIAR, apud CUNHA 2007, p. 58).

²⁵Surdos que adotam as formas visuais de experienciar o mundo, nas suas diversas manifestações. O trocar dessas experiências é uma característica importante na construção dessa identidade (valoriza-se o momento de encontro entre os surdos). (PERLIN, apud CUNHA 2007, p. 58)

²⁶Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

O Estado – ao menos nas constituições – tomava para si o dever de "reabilitar" o "anormal" através de mecanismos institucionais que asseguravam sua reclusão e confinamento. Apareceram as prisões, os manicômios, as escolas especiais, os colégios internos, etc. Vemos surgir as primeiras escolas para surdos, os primeiros institutos para a educação dos cegos, a ortopedia dos defeitos físicos, o tratamento moral da loucura, uma prática pedagógica corretiva e adestradora, dirigida tanto aos seres humanos "normais" como àqueles ditos "anormais" (Foucault, apud SOUZA 1995).

Atualmente, o Estado se empenha na luta para mudar essa imagem negativa. Basta visitar os sites das escolas especiais para notar o esforço em apresentar à sociedade uma imagem positiva e confiável. Mas, por mais que esses conceitos tenham mudado e a pedagogia nessas escolas tomem novos rumos, ainda há uma lacuna no ensino bilinguista. Em outros casos, os surdos dividem a mesma sala de aula com estudantes e professores ouvintes, como já foi mostrado. Em ambos o ensino não se mostra adequado, pois, não se adquirem, nessas instituições, as duas línguas. O que representa grande prejuízo aos surdos e ouvintes. Pois, o conceito do bilinguismo é justamente de colocar o surdo em contato com as duas línguas, principalmente a língua de sinais, o mais cedo possível. Assim, ele poderá aplicar seus conhecimentos de LS na língua Portuguesa e aprendê-la com mais facilidade. A aquisição da LS como primeira língua e a língua oral como segunda, possibilita ao surdo vivenciar uma identidade bicultural.

6.2.1 As raízes do bilinguismo

O bilinguismo surgiu em meados de 1950-1960, mesma época em que se intensificaram os estudos acerca da sociolinguística. E dentro dessas pesquisas comprovou-se que havia uma gama de variações no mesmo contexto de fala, o que muito contribuiu para refutar o conceito de pureza linguística, tão pregado pelos defensores da oralidade.

A partir de então as mudanças passaram a ser relacionadas com as variáveis sociais e passou-se a acreditar que eram não só esperadas, mas necessárias. Autores como Weinreich, Labov e Herzog (1968,

apud SOUZA 1995), ligados a esta abordagem, explicavam que a heterogeneidade refletia uma parte essencial da competência linguística unilíngue. Para eles, a ausência de variação é que deveria ser considerada como disfuncional. Foi também nessa época que se potencializaram as lutas pelas minorias e, nesse contexto, estudos como a Antropologia e psicologia social apontavam para novos caminhos conceituais sobre uma diversidade possível. Assim, surge maior interesse nos sinais utilizados para a comunicação entre surdos. Souza (1995) explica que Stokoe, docente e linguista do Gallaudet College, percebeu as semelhanças existentes na multiplicidade dos gestos empregados pelos surdos e se propôs a estudá-los. Concentrou então sua atenção no aspecto fonológico desses sinais. Notou que eram compostos por um número limitado de unidades que isoladas não significavam nada, assim como os fonemas das línguas faladas. E dessa forma chegou a alguns resultados:

Propôs que cada palavra em sinal tinha pelo menos três partes independentes: locação, formato de mão e movimento, e que cada uma destas partes possuía um número limitado de combinações. Constataram 19 formas de mãos diferentes, 12 locações, 24 tipos de movimentos e inventou uma notação para representá-los. Em *Sign Language Structure*, Stokoe (1960) demonstrou que a estrutura da língua de sinais possuía aspectos similares à estrutura de todas as línguas. Portanto, era, de fato, uma língua. Nos anos seguintes, houve um pipocar de trabalhos que demonstravam que crianças surdas, filhas de pais surdos e sinalizadores, tinham um melhor desempenho acadêmico e construía uma autoimagem mais positiva quando comparadas com crianças surdas filhas de pais ouvintes. (SOUZA, agosto de 1995).

Os avanços nos estudos sobre a LS provocaram uma efervescência em torno do bilinguismo, que foi ganhando força e chamando a atenção de um número cada vez maior de cientistas. E dessa forma, comprovados os aspectos positivos do bilinguismo, tais estudiosos se empenharam na defesa da aquisição das duas línguas. Vale salientar que o

primeiro país a instaurar o ensino bilíngue para surdos e reconhecer a LS como língua oficial, foi a Suécia.

No Brasil, mesmo com o reconhecimento da Libras como língua materna dos surdos brasileiros e segunda língua oficial do país, o caminho para o bilinguismo é tortuoso e cheio de pedras. No entanto essa situação pode ser menos complicada e mais natural no caso dos filhos de surdos, CODAs²⁷, como são chamados.

6.3 Codas: uma Ponte Entre dois Mundos



FIG.10- Representação do mundo ouvinte

Fonte: site <http://www.corposaun.com/wp-content/uploads/2011/04/orelha.jpg>



FIG. 11 Representação do mundo surdo

Fig 11: site http://3.bp.blogspot.com/_aKLq-0WNjDg/TBY6cFV2FaI/AAAAAAAAAEM/HLGiJ4H1LSU/s1600/maos.jpg

²⁷Children of Deaf Adults (Crianças de adultos surdos). Geralmente são ouvintes, filhos de pais surdos.

Os filhos de surdos têm acesso às duas línguas sem maiores dificuldades, já que aprendem a língua de Sinais com os pais e a língua oral, geralmente, com outros membros ouvintes da família. Nesse caso, assumem instantaneamente o papel de intérpretes dos pais e para os pais. Porém, alguns CODAS sentem-se extremamente desconfortáveis ao serem interpelados – tanto por surdos como por ouvintes – para o cumprimento dessa missão imposta, na maioria das vezes, pelos pais. Nesse sentido o CODA acaba sendo utilizado como um objeto de tradução simultânea para ambas as partes.

Porém, nada é tão simples. As línguas têm sua subjetividade e as diferenças de interpretação não podem ser traduzidas. Assim, os CODAs se veem numa situação delicada e difícil de resolver. Esse desconforto é apontado por MÜLLER de Quadros e Massutti (2007) quando descrevem os conflitos gerados pela convivência do CODA com dois grupos distintos, com representações linguísticas díspares. Um marcado pela falta de conhecimento e interesse pelo outro, que por sua vez tem sua língua demarcada pelo embate e rejeição social.

A convivência familiar de uma pessoa, com os costumes, princípios e crenças acolhidos e ensinados no interior de cada lar, de geração em geração, acaba por interferir na percepção que o sujeito tem do mundo ao redor. Contudo, ainda há os conflitos suscitados pelo campo das significações de toda língua, não é diferente com a língua de sinais e a língua portuguesa. O CODA fica na fronteira entre ambas. Ele pertence tanto ao grupo cultural dos surdos quanto dos ouvintes e isso se traduz em uma agonia na interpretação e tradução de ambos. Não há como passar para a língua portuguesa algo que em Libras é repleto de subjetividade sem perder muito do significado. O mesmo acontece quando se tenta traduzir para Libras frases que carregam carga semântica própria da língua portuguesa e que no imaginário do surdo tem outro tipo de representação. “Não apenas a forma de dizer na língua de sinais e na língua falada que difere, mas o próprio campo afetivo se constitui culturalmente de substâncias diferentes.” (MÜLLER de QUADROS; MASSUTTI, 2007, p. 248-249).

O impasse se mostra mais acentuado na fase em que a criança CODA começa a interagir com as duas culturas. É impossível não perceber a diferença de valoração entre uma e outra. Para a criança, o censo comum, muitas vezes é o que dita o certo e o errado, o melhor e o pior.

E isso pode ser ilustrado por meio de uma experiência vivida pela personagem do livro-reportagem “Prisioneiros do Silêncio”: Marli, filha de Iolanda, surda, casada com Carlos, também surdo. O casal tem um filho de 13 anos chamado Júlio, ouvinte. Ele aprendeu a língua de sinais com os pais e a oralidade com os tios e avós. Tornou-se bilíngue, como esperado.

O problema surgiu quando o garoto começou a frequentar a escola normal do ensino fundamental. Em contato com as outras crianças ouvintes ele começou a confrontar as duas culturas e, conseqüentemente, se comparar aos colegas, o que é comum entre crianças e adolescentes. Levando-se em conta que estão na fase de desenvolvimento corporal e formação da personalidade, isso não seria problema, a não ser pelo fato de que Júlio, assim como todos os CODAs, está em contato direto com duas culturas completamente indissolúveis e heterogêneas. Em algum momento ele se viu numa encruzilhada onde teria que escolher entre uma e outra. Nesse impasse prevaleceu a mais forte: a língua falada.

Quem primeiro notou essa mudança foi Marli. Ela ia levar e buscar o filho na escola todos os dias, porém, depois de um tempo, Júlio começou a se esconder da mãe só aparecendo depois que os colegas já tinham ido embora. Junto com os desaparecimentos de Júlio começaram a sumir também os recados dos professores, marcando reunião de pais e mestres. O menino atravessava uma crise de identidade e, por ainda estar em fase de formação de valores, não sabia como lidar com tal situação. Müller de Quadros e Massutti explicam que o ponto de vista bilíngue de um CODA em escola de ouvintes é negligenciado. As características culturais, sociais e linguísticas, que deveriam ser subsídios importantes para melhor interação escolar do coda são neutralizadas. A escola recebe essa criança ouvinte, filha de pais surdos, e estabelece um bloqueio entre elas e os pais. No interior dessas escolas, os pais viram “figuras alienígenas”, não são orientados em relação aos seus filhos.

A maioria das escolas de ensino fundamental e médio não está preparada nem para compreender a cultura surda e tampouco a língua de sinais. E isso não é só problema detectado nas escolas públicas, também os educandários particulares ignoram essa realidade. “Isso cria uma cisão entre o mundo escolar e o universo íntimo, espaços que correm de maneira distinta na forma de colocar relevância aos assun-

tos e construir um olhar para a realidade.” (MÜLLER de QUADROS; MASSUTTI, 2007, p. 257). E mais a frente:

[...] A escola desconhece os surdos e sua língua. Então, quando esta criança precisa ir à escola, ela se sente fora de seu mundo, ela não tem uma relação de pertencimento com aquele espaço. Para a escola, os pais surdos são vistos como alienígenas. A escola não consegue atribuir a esses pais o *status* de pais, por que eles são surdos. Eles não são vistos como pais, mas vistos como surdos. A eles não é outorgado o direito de serem pais. A escola repassa à própria criança a responsabilidade dos pais, porque ela ouve. (MÜLLER de QUADROS; MASSUTTI, 2007, p. 257).

Na maioria das vezes o que acontece é um estranhamento entre a escola e os pais surdos. Por ser uma instituição de ouvintes e para ouvintes, não há nenhum esforço para que haja uma interação entre os professores e os pais de CODAs. Isso estabelece uma fronteira comunicacional e também desconforto para o aluno CODA, por perceber essa animosidade entre as culturas. Júlio, com o tempo, também começou a trocar os passeios com os pais nas associações de surdos pela casa dos avós ou tios. Ele não queria mais participar das festas e manifestações culturais dos surdos. De alguma forma, rejeitava a ideia de pertencer a uma cultura que é estranha para a maioria e excluída pela sociedade. As autoras MÜLLER de Quadros e Massutti (2007) esclarecem:

Paradoxalmente, os codas também são vítimas do próprio preconceito que cada língua porta. Muitas vezes, esse sujeito não compartilha de uma série de estereótipos disseminados nos distintos sistemas culturais, justamente porque tem a percepção da diferença em sua vivência cotidiana. Entretanto, esse sujeito não consegue apagar a leitura cultural que faz de si e dos outros, e é intensamente afetado por ela. Por haver internalizado os sistemas de representações linguísticas e culturais, esse sujeito reconhece os preconceitos que se incrustaram em ambas as línguas, em cada uma a sua forma. (MÜLLER de QUADROS; MASSUTTI, 2007, p. 251).

Nesses momentos o apoio dos membros ouvintes mais próximos é de extrema importância para conscientizar o coda do seu papel como filho de surdos, bilíngue. É preciso um trabalho conjunto entre família e escola a fim derrubar os muros impostos pela oralidade e valorizar a cultura e a língua dos surdos. Assim, os Codas aprendem a ter orgulho da sua condição de ponte entre essas duas realidades.

Ao contrário de Júlio, há casos em que o coda rejeita a cultura ouvinte e, muitas vezes, abandona ou evita o convívio em escolas mistas. Algumas crianças, que nascem e crescem no seio de uma família de surdos, não entendem o preconceito, os rótulos e nem mesmo a falsa patologia imposta pelo senso-comum. O depoimento de uma estudante bilíngue, filha de surdos e ouvinte, recortado do artigo assinado por Quadros e Massutti (2007), ilustra com clareza a situação vivida por um filho de pais surdos na escola de ouvintes. Ela conta que o maior problema foi à falta de conhecimento da escola em relação a sua condição de coda. Ninguém sabia nada sobre a língua ou a cultura dela. Não sabiam lidar com uma filha de surdos e não estavam preparados para ampará-la e acolhê-la como tal. Ao contrário, os colegas debochavam de seus pais, transformando a convivência em verdadeira tortura. Nesse sentido não é errado afirmar que os codas, na maioria das vezes, também são vítimas de bullying²⁸

Para conviver com a sociedade ouvinte, tanto os surdos quanto os codas são sujeitados a várias situações desagradáveis. Porém, muitos deles persistem em levar os estudos até o fim, apesar das dificuldades. O trecho abaixo revela um pouco dessa persistência:

Meus colegas tiravam sarro dos meus pais todo o tempo. Eu tive que conviver com uma perspectiva ouvinte da surdez que eu não compartilhava. Para mim, era normal ser surdo, mas para eles era algo ruim. Eu não gostei da minha primeira escola. Apesar disso, meus pais estavam tão confiantes sobre a escola que nem se importavam com o que a escola pensava sobre eles. Eles sempre me diziam que as pessoas zombavam deles porque não conheciam as pessoas

²⁸O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato. (Fonte: site nova escola).

surdas e sua língua de sinais. Nesse sentido, meus pais nos colocam em vantagem em relação aos ouvintes da escola, pois nós sabíamos sobre os surdos, sobre a língua de sinais e que, ainda, eu iria aprender a ler e escrever a língua portuguesa. Essa foi a mensagem dada pelos meus pais a mim, especialmente da minha própria mãe. Para mim, como uma CODA, esse contexto não era fácil e eu tive que aprender como lidar com essas diferentes perspectivas. (MÜLLER DE QUADROS e MASSUTTI, 2007, p. 259).

Nota-se que a postura da família é essencial para a formação do CODA. Quando os pais surdos tem uma atitude firme em relação a sua condição e passa isso para os filhos ouvintes, os laços são fortalecidos e as convicções partilhadas.

7 Materiais e Métodos

A comunicação entre falantes (ouvinte e surdo) pode ser mais eficiente por meio da Libras? A disseminação da Língua de Sinais- Libras ainda é tímida, o que dificulta a comunicação entre ouvinte e surdo na sociedade contemporânea. Avaliar o impacto e as consequências do uso da Libras em pessoas com diferentes tipos de surdez. Demonstrar a importância da Libras na comunicação e observar se a Libras é entendida, utilizada e apreendida pelos ouvintes próximos aos surdos são os objetivos deste trabalho. Para desenvolver as pesquisas e concluir o livro-reportagem proposto por essa monografia foram eleitos três personagens dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso para compor a obra. Assim, vale ressaltar que o livro-reportagem debatido aqui é do subgênero retrato e será analisado com técnicas qualitativas e quantitativas. Trata-se de uma Pesquisa Exploratória feita por meio de questionários e roteiros de entrevista semi-estruturados. A coleta, tabulação e tratamento dos dados será finalizada no 2º semestre de 2011.

Considerações Finais

O exemplo de títulos como Hiroshima (Hersey, 2002), A Sangue Frio (Capote, 2003), e dos brasileiros: Falcão, Meninos do tráfico (Athayde

e MV Bill, 2006) e Carandiru (Varella, 1999) mostra que é possível obter no livro reportagem e no jornalismo literário a oportunidade de realizar um trabalho mais minucioso e gratificante.

A comunicação entre surdos é uma viagem que compensa ser feita, pois é pouco explorada e a novidade são personagens e situações vividas pelos atores da pesquisa. São pontos de vista distintos que abrangem boa parte da comunicação e tudo que ela acarreta.

O trabalho, que inicia a etapa de coleta de dados, espera apontar os ruídos na comunicação entre os atores envolvidos (surdos e ouvintes) e avaliar o preconceito, velado ou declarado, de que os ouvintes são seres mais aptos e mais completos no ato de comunicar. Apontamentos esses, descritos e denunciados por vários autores, inclusive surdos, ao longo dessa revisão bibliográfica. Alguns pesquisadores como Müller de Quadros e Massutti (2007), Perlin (2007), e o pedagogo Curione (2004), inclusive, foram enfáticos ao mostrar a rejeição e bloqueio da Libras pela sociedade. Nota-se grande hostilidade e falta de conhecimento das necessidades dos surdos no que diz respeito à inclusão dos mesmos no meio social.

O que é largamente exposto nos artigos e livros sobre o assunto são os atos de desrespeito e discriminação contra os surdos sendo considerados como normais ou pouco relevantes. A escassez de informação, assim como campanhas de conscientização, para que a sociedade possa conhecer esses atores, é um agravante que deve ser levado em conta. As iniciativas do governo tiveram alguns avanços, mas anda a passos lentos e com o risco de regredir. Já que ainda é discutida a inserção de surdos em escolas mistas sem a disponibilidade de intérpretes para auxiliá-los. Se a Libras é a segunda língua oficial do Brasil desde 2002, por que não faz parte das grades curriculares das escolas de ensino fundamental e médio? Esse é outro aspecto desse assunto que não foi debatido nesse trabalho, pois necessita de mais aprofundamento. Nem todas as abordagens dos estudos sobre surdos serão mostradas e discutidas, pois o tempo é curto e o que se descobriu acerca das necessidades e bloqueios na utilização da Libras sobressaiu e tornou-se o foco desta monografia. As carências são muitas e os preconceitos também.

Mas como condenar certas atitudes se até mesmo profissionais formados, como fonoaudiólogos insistem em considerar a deficiência auditiva como doença e os surdos pacientes? Nessa etapa do trabalho os es-

clarecimentos fornecidos pelos personagens do livro-reportagem “Prisioneiros do Silêncio” foram de grande valia. E para as informações técnicas foi indispensável a colaboração de autores como Oliveira e Cunha (2009) e Rinaldi (1997). Talvez seja construindo essas vinculações de saberes e agregando conhecimentos que se edifique o respeito. Ou não. A consideração pelo próximo talvez seja algo que se aprende em casa, como diz a sabedoria popular. De um jeito ou de outro, é preciso que se faça uma ponte entre essas duas culturas - da língua falada e da língua de sinais – para mudar a realidade que se apresenta.

O livro-reportagem pode ajudar a construir essa ponte entre sociedade e surdos. É preciso ressaltar que não será possível abraçar todas as peculiaridades sobre a surdez e Libras aqui. Serão necessárias novas entrevistas com os personagens, documentação comprobatória (fotos, vídeos e outros), apuração e atualização dos fatos. Essas tarefas incluem realização de viagens para Salvador, onde mora Everaldo Santos e Minas Gerais, casa de Iolanda Fonseca. Em suma, é esperado ao final da pesquisa contribuir para diminuição do preconceito e difundir Libras como língua materna. Além de abolir a ideia de que todo surdo é mudo e incapaz.

Referências

- Aires, Almeida, org. (2003) "*Aristóteles*", in *Dicionário Escolar de Filosofia*. Lisboa: Plátano. Versão online disponível em <http://www.defnarede.com/a.html> acesso em 04/05/2011.
- Amora, Antônio Soares (2008). *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. – 18ª ed. – São Paulo: Saraiva.
- Belo, Eduardo (2006). *Livro Reportagem*. São Paulo: Contexto.
- Berlo, David Kenneth (2003). *O Processo da Comunicação: introdução a teoria e a prática*. 10ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bertulani, Carlos A. *O ouvido humano*. Texto preparado para o projeto de Ensino de Física a Distância. Disponível em <http://www.if.ufrj.br/teaching/fis2/ondas2/ouvido/ouvido.html> acesso em 29 de abril de 2011.

- Bonini, Adair (2006). *Os gêneros do Jornal: questão de pesquisa e ensino*. In: KARVOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz e SIEBENEICHER, Karim Brito (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bucci, Eugênio. *O Tolo interativo*. Observatório da Imprensa. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp2410200199.htm> (copyright Folha de São Paulo – 21/10/2001) acesso em 22 de fev. de 2011.
- Campos, Pedro Celso. *Técnicas de entrevista*. Observatório da Imprensa, 2002. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da240420024.htm> acesso em 21 de fev. 2011.
- Capotte, Truman (2003.). *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cunha, Euclides (2003). *Os Sertões*. São Paulo: Ateliê.
- Cunha, Patrícia Marcondes Amaral (2007). *Cenas do atendimento especial numa escola bilíngue: os discursos sobre a surdez e a produção de redes de saber-poder*. In: MÜLLER DE QUADROS; PERLIN, Gladis. *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ : Arara Azul, pp. 38-85.
- Curione, Alex . *Aquisição da Língua de Sinais como Primeira Língua: Direito dos Surdos*. FENEIS, 2004. Disponível em http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:jyUPZql3czEJ:www.fonojp.hpgvip.ig.com.br/libras/lib06.pdf+Alex+Curione+%2B+aquisi%C3%A7%C3%A3o+da+Libras+como+primeira+lingua+direito+dos+surdos&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESiE_JDY4zNw7p2JKTSt3NL1XEWThZfoitswH88sj7Xu7QE2BbiQhAi5_JKLLUgHOXAohBTdoxxw3BPPjOI3gbmnqiR0BsUP2ND3aha6N6ajXxtBJm5511D9zbWs8YIK-A-hAile&sig=AHIEtbTt0zXx_foMMnFY18Fz8sQRKYpqcg acesso em 10 de abril de 2011.
- Davis, Flora (1979). *A Comunicação Não-Verbal*. São Paulo: Summus.

- Gramacho, Derval (2009). *Qualidade, conteúdo e desempoderamento*. in: Gramacho, Derval (org.). *Comunicação e Cultura*. São Paulo: Scortecci, pp. 11-38.
- Grolla, Elaine (2009). *Aquisição da Linguagem*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Hersey, John (2002). *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Junior, Arnaldo Nogueira. *Resumo Biográfico e Bibliográfico de Machado de Assis*. Projeto Releituras, 1996. Disponível em http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp acesso em 10 de abril de 2011.
- Magno, Ana Beatriz (2006). *A Agonia da Reportagem*. Universidade de Brasília. Disponível em http://bdt.d.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/39/TDE-2007-06-05T111017Z-1203/Publico/reservavaledissertacaoval.epd.pdf acesso em 22 fev. 2011.
- Machado, Paulo César (2006). *Integração/ Inclusão na Escola Regular: um Olhar do Egresso Surdo*. IN: Quadros, Ronice Müller; Perlin, Gladis. *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ : Arara Azul, pp 38-75.
- Miorando, Tânia Micheline (2006). *Formação de Professores Surdos: mais professores para a escola sonhada*. IN: Quadros, Ronice Müller; PERLIN, Gladis. *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ : Arara Azul, pp 76-109.
- Müller de Quadros, Raonice; Perlin, Gladis (2007). *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ : Arara Azul.
- _____; Massutti, Mara (2007). *CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato*. In *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, pp. 232-268.
- Oliveira, Christiane Cunha; CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. *Concordância verbal em Língua de Sinais e suas implicações na escrita da segunda língua*. *Revista Eutomia* – 2009.

Ano II, Nº 01. Disponível em <http://www.revistaeutomia.com.br/eutomia-ano2-volumel-artigos-linguistica.html> acesso em 02 de maio de 2011.

O que é Bullying? In: Revista Nova Escola. São Paulo: Ed. Abril, agosto de 2009. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml> acesso em 24 de maio de 2011.

Orwel, George (2003). *Os Brookers*. In: LEWIS, Jon E. (org.). *O Grande Livro do Jornalismo*. Rio de Janeiro: José Olympio Ltda, pp. 143-150.

Pena, Felipe. *O jornalismo Literário como gênero e conceito*. PDF Felipe Pena, 2005. Disponível em <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf> acesso em 24 de fev. de 2011.

Pessa, Bruno Ravanelli. *Livro-Reportagem: origens, conceitos e aplicações*. Para apresentação do Regiocom 2009 na Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20%20que%20é_%20para%20quê%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf acesso em 10 de abril de 2011.

_____. *Aproximações entre Jornalismo Literário e Imprensa Alternativa*. São Paulo: Para o 6º Interprogramas de Mestrado – Faculdade Cásper Líbero, novembro de 2010.

Ramos, Clélia Regina (2004). *Libras: a Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros*. RJ: Arara Azul. Disponível no site <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf> acesso em 02 de maio de 2011.

Rinaldi, Giuseppe (1997, org.). *Deficiência Auditiva*. Brasília: SEESP. Disponível em http://www.apilms.org/menu/downloads/lingua_brasileira_sinais_mec.pdf acesso em 20 de abril de 2011.

- Santana, Ana Paula; BÉRGAMO, Alexandre. *Cultura e identidade surdas: Encruzilhada de lutas sociais e teóricas*. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> acesso em 10 de abril de 2011.
- Schmitt, M.D. *Traumatismos por Fórceps ou no Canal do Parto*. Copyright 1999 Clinical Reference Systems. Disponível em <http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=3605&ReturnCatID=1780> acesso em 29 de abril de 2011.
- Silva, Vilmar (2006). *Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880*. in: Quadros, Ronice Müller; Perlin, Gladis. *Estudos Surdos I*. RJ: Arara Azul, pp. 14-37.
- _____. *As representações em ser surdo no contexto da educação Bilíngue*. in: Quadros, Ronice Müller. *Estudos Surdos III*. RJ: Arara Azul, 2008, pp. 80-97.
- Souza, Regina Maria de. *Educação especial, psicologia do surdo e bilinguismo: bases históricas e perspectivas atuais*. Universidade Estadual de Campinas. Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/UNICAMP) Agosto de 1995. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1995000200009&script=sci_arttext&tlng=en acesso em 04 de maio de 2011.
- Teixeira E Silva, Roberval (2004). *Português como segunda língua: contribuições para a implantação de um programa de ensino bilíngue para surdos*. Tese (doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras. Rio de Janeiro : PUC, Letras.
- Varella, Dráuzio (1999). *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. *Meningite, Sarampo, Rubéola*. Site oficial: Entrevistas e artigos. Disponível em <http://www.drauziovarella.com.br/> Acesso em 01 de maio de 2011.